

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

SAMANTHA THIESEN BITTENCOURT

O CORPO FALA: um estudo sobre tatuagem e informação

PORTO ALEGRE

2017

SAMANTHA THIESEN BITTENCOURT

O CORPO FALA: um estudo sobre tatuagem e informação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima

Coorientador: Me. Luis Fernando Herbert Massoni

PORTO ALEGRE

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a. Dr^a. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Karla Maria Müller

Vice Diretora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Bittencourt, Samantha Thiesen

O CORPO FALA: um estudo sobre tatuagem e
informação / Samantha Thiesen Bittencourt. -- 2017.
75 f.

Orientadora: Marcia Heloisa Tavares de Figueredo
Lima.

Coorientador: Luis Fernando Herbert Massoni.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Tatuagem. 2. Tatuagem e Informação. 3.
Informação e Memória. 4. Arte na pele. 5. Corpo. I.
Tavares de Figueredo Lima, Marcia Heloisa, orient.
II. Herbert Massoni, Luis Fernando, coorient. III.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS)

Telefone/fax: (51) 3308-5143 / (51) 3308-5435

E-mail: dc@ufrgs.br

SAMANTHA THIESEN BITTENCOURT

O corpo fala: um estudo sobre tatuagem e informação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 12 de janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima (Orientadora) – UFRGS

Me. Luis Fernando Herbert Massoni (Co-orientador) – UFRGS

Prof^a. Me. Ketlen Stueber (Avaliadora) – UFRGS

Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz (Avaliadora) – UFRGS

Dedico este trabalho aos “modificados”, assim como eu...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos Orixás e aos Exus, por toda a força, por todas as vezes que fui cair e me seguraram, por tudo que conquistei e por não deixarem eu desistir de lutar e chegar até o fim.

Esse trabalho se tornou possível com a ajuda deles e de muitas pessoas do plano físico que fazem parte da minha vida. Agradeço imensamente a paciência e o carinho além dos valiosos ensinamentos e dicas dadas a mim pela professora orientadora Márcia e pelo meu co-orientador Luis Fernando... meu muito obrigada por aceitarem esse desafio e caminharem junto comigo. Estendo o agradecimento aos entrevistados que participaram neste trabalho, enriquecendo conhecimentos e ampliando horizontes.

Ao meu ex-chefe de estágio no IFRS, Filipe Xerxenesky, que não largou minha mão durante todo o tempo de estágio, aguentou todas minhas inseguranças e desesperos perante a aproximação da formatura, da nova vida profissional que chega. Filipe, te adoro com todas as minhas forças, obrigada pela nossa amizade de anos e por ter dado a oportunidade de ter experiência profissional no IFRS, que é um mundo maravilhoso e produtivo. Meu agradecimento se estende aos professores do Instituto, que me acolherem com tanto carinho e consideração, foram momentos inesquecíveis.

A todos os bibliotecários que já passaram pela minha vida durante o tempo da faculdade, assim como todos que conheci durante os anos de PUCRS e anos de colégio, ganhei diversos amigos, muitas inspirações e experiências teóricas e práticas.

Aos amigos que fiz nos seis anos de Fabico, em especial agradeço a amiga Jocelaine Sena, por sempre se lembrar de mim, pelas dicas e forças para seguir em frente e não desistir dos sonhos. Agradeço aos demais colegas pelas risadas compartilhadas, as “tretas” ocorridas e toda a diversão que a vida acadêmica pode proporcionar, mesmo que alguns dias não tenham sido gloriosos.

Agradeço às colegas da Oficina de Restauro Livro e Arte, em especial à minha chefe, Sílvia, pela paciência nesses cinco anos que estou na empresa, por todas as vezes que surtei, chorei e também contei as aflições da vida acadêmica.

Obrigada família: mãe e avó, muito obrigada por acreditar em mim, por sempre me apoiar e incentivar.

Por fim, agradeço a presença em minha vida da minha gata (antes moradora da Fabico), a Fumaça, ela deixa meus dias mais leves e também tem um amor incondicional por mim.

tatuagem (s.f)

*é a cicatriz que a alma fecha. é marca de nascença
que a vida se esqueceu de desenhar, e a agulha
não. é quando o sangue vira tinta. é a história que
eu não conto em palavras. é o quadro que eu
resolvi não pendurar na parede da minha casa. é
quando eu visto minha pele nua com arte.*

(DOEDERLEIN, 2017).

RESUMO

Estudo de caráter teórico-prático que reflete de modo exploratório sobre a possibilidade de caracterização da pele tatuada como uma fonte de informação. Objetiva analisar de que modo a pele poderia ser considerada um suporte para uma tatuagem que seria considerada como registro ou conteúdo informacional. A prática da modificação corporal pode servir como um meio de rememoração histórico-cultural e informativa realizada através do uso de símbolos, adornos e demais manifestações de cunho pessoal, objetivando representar algo para si e para o outro. Do ponto de vista teórico-histórico, destaca que o uso de desenhos, linhas e demais expressões gráficas no corpo objetivou a diferenciação do indivíduo dentro dos grupos sociais nos quais se inseriu, ora como símbolo de transgressão e confronto e ora por imposição de normas sociais, religiosas e morais, como estigma ou castigo. No contemporâneo, a principal forma de expressão pela tatuagem é a escolha de símbolos, linhas e pontos como adorno para o corpo. Partiu-se da suposição que todos os tipos de desenhos e demais “riscos” são carregados de significados e de motivações, boas ou ruins. As conexões entre informação e tatuagem foram abordadas a partir da visão do corpo como um diário do indivíduo que as carrega na epiderme. Metodologicamente, o estudo é orientado por um viés fenomenológico, com abordagem qualitativa, exploratória e de natureza básica. Do ponto de vista empírico, foram entrevistados três tatuadores da cidade de Porto Alegre, de modo a averiguar o ato de tatuar-se como um registro informacional. A análise das entrevistas exploratórias fez refletir que há diferentes razões que levam pessoas a tatuarem-se e os entrevistados consideram a tatuagem como um registro de história pessoal. O grupo social dos tatuadores é epistemologicamente diferente do meio acadêmico da Ciência da Informação e não domina os conceitos de informação discutidos na C.I. Algumas enunciações revelam uma intenção de informar e outras que tributam o ato de tatuar-se como moda ou registro particular sem intencionalidade de informar a terceiros. Dessa forma, esta pesquisa permite concluir parcialmente que a tatuagem pode ser considerada um registro subjetivo de memória e afeto íntimos não direcionados para outras pessoas, visto que o conceito de informação é considerado pelos entrevistados, no máximo, como “notícia”. Do ponto de vista teórico, a informação precisa estabelecer conexão entre um emissor e um receptor. Assinala que, pelo caráter exploratório da pesquisa e parcial das conclusões, o estudo deve ser aprofundado. Conclui também que abrem-se caminhos para estudos na linha de uma antropologia e epistemologia histórica da informação, destacando a construção do corpo como espaço de memória e informação.

Palavras-chave: Tatuagem. Informação e Memória. Suporte de informação.

ABSTRACT

Theoretical-practical study which reflects, in an exploratory way, about the possibility of characterization of tattooed skin as a source of information. Objectifies to analyze which way can skin be considered a tattoo support that can be used as record or informational content. The practice of body modification can serve as a medium of historic-cultural remembrance performed through the use of symbols, ornaments and other personal nature manifestations, objectifying the representation of something to oneself and for others. From the theoretical-historic point of view, highlights that the use of drawings, lines and other graphical expressions in the body objectified individual differentiation inside the social groups on which it is inserted, as a symbol of transgression and confrontation or by the imposition of social, religious or moral standards, as stigma or punishment. At the contemporaneity, the main form of tattoo expression is the symbol, lines and dots choices as ornaments for the body. It started from the supposition that all kinds of drawing and other "scratches" are loaded of meanings and motivations, good or bad. The connections between information and tattoo were addressed from the vision of the body as a daily of the individual that carries them on his epidermis. Methodologically, the study is oriented by a phenomenological bias, with a qualitative, exploratory approach of basic nature. From the empiric point of view, three tattoo artists from Porto Alegre were interviewed as a way of find out the act of tattooing oneself as an informational record. The analysis of those exploratory interviews made to reflect there are different reasons that bring people to tattoo themselves and the interviewed consider the tattoo a personal history record. The tattoo artists social group is epistemologically different from the academics of Information Science and does not master the concepts of information discussed in I.S. Some enunciations reveal an intention to inform and others tribute the act of tattooing oneself as a style or particular record, with no intention to inform anything to third parties. This way, this research allows to partially conclude that the tattoo can be considered a subjective record of intimal affection and memory not directos to other people, since the interviewed consider that the concept of information is, at most, similar to "news". From a theoretical point of view, information needs to establish a connection between an emitter and a receiver. Concludes also that it open ways to studies in line with an historic anthropology and epistemology of the information, highlighting the construction of the body as a space of memory and information.

Keywords: Tattoo. Information and Memory. Information Supports.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Múmia de Ötzi	20
Figura 2 – Desenhos no Corpo de Ötzi	21
Figura 3 – Diário de James Cook	22
Figura 4 – Agulhas e artefatos das tribos que Cook visitou	22
Figura 5 – Representação de um integrante da tribo <i>Maori</i>	23
Figura 6 – Agulhas egípcias e cinzel feito de osso - tribo <i>Maori</i>	23
Figura 7 – Tatuagens punitivas no Japão Feudal	24
Figura 8 – Tatuagens punitivas no Japão Feudal	24
Figura 9 – Máquina de Tatuagem Elétrica de Thomas Edison	25
Figura 10 – Loretta Fulkerson, a “dama tatuada” dos anos 1930	26
Figura 11 – O número bordado no uniforme e o número na pele	27
Figura 12 – Prisioneiros no campo de concentração de <i>Buchenwald</i>	39
Figura 13 – Os marcadores de números de identificação no peito	40
Figura 14 – Um dos sobreviventes do Campo, Manny Mittelman	40
Figura 15 – A nova forma de marcar os prisioneiros	41
Figura 16 – Tatuagem em realismo colorido	45
Figura 17 – “Minha filha foi a melhor coisa que me aconteceu”.....	46
Figura 18 – Que se f*da	46
Figura 19 – Quem é o estranho?	47
Figura 20 – “Nunca foi de mão beijada”	48
Figura 21 – Homenagem para a avó	49
Figura 22 – “Meu personagem favorito”	49
Figura 23 – Toda tatuagem conta uma história	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	14
3 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: COSTURAS TEÓRICO-HISTÓRICAS ...	19
3.1 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	27
3.2 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: ARTICULANDO CONCEITOS	28
3.3 TATUAGEM, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA	33
3.4 A PELE INFORMATIVA: O EXEMPLO DA TATUAGEM NOS PRISIONEIROS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO	36
4 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: COSTURAS EMPÍRICO-TEÓRICAS	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	59

1 INTRODUÇÃO

O termo em latim *informatio* significa “dar forma a algo”. Os fenômenos e processos informacionais são de difícil compreensão e, nesse sentido, tornam-se difíceis de serem apreendidos. Definir a informação e suas problemáticas é papel da Ciência da Informação (CI), fazendo a construção do objeto de estudo, entrosando-se com a hermenêutica e também com a retórica.

O presente trabalho tem a finalidade de refletir sobre o caráter informacional dos registros escritos e desenhados sobre a pele humana: as tatuagens. A tatuagem é aqui tratada como forma de registro de informação, considerando-se a epiderme como um suporte informacional.

O uso de desenhos, linhas e demais expressões gráficas no corpo objetiva a diferenciação do indivíduo dentro dos grupos sociais em que interage ou em que se insere. Sentir-se diferente ou destacado é de grande valia na maioria dos casos, visto que o ato de tatuar-se é quebrar normas sociais, religiosas e morais.

Esse estudo surgiu do amor e estudo da autora sobre a arte na pele, que já possui 23 registros pelo corpo. Historiadora e futura bibliotecária, é tatuada desde os 14 anos, na época em que a autorização dos pais e a presença dos mesmos tornava possível a realização do procedimento, que atualmente é somente feito aos 16 anos com a presença dos pais na maior parte do país.

A prática da modificação corporal, além de tornar o indivíduo destacado e diferente nos grupos sociais, lhe caracteriza como uma figura “interessante”, “bizarra” ou “exótica”. Pode servir como uma via de rememoração histórico-cultural e construção de uma identidade exclusiva, uma pele que pode revelar informações sobre a trajetória de vida e de quem é aquele livro aberto, com a pele sendo as folhas e rasgos. A principal forma de expressão artística-informativa é a escolha de símbolos, linhas e pontos para adornar o corpo. Todos os tipos de desenhos e demais “riscos” são carregados de significados e de motivações, boas ou ruins.

Além da evidente inquietação pessoal, esse estudo justifica-se como contributivo para a quebra de preconceitos e incentivo a estudos posteriores.

Como subproduto desse trabalho, a própria reflexão organizada acerca de uma temática do interesse da autora gera uma fonte de informação sobre um assunto pouco abordado na área da CI. Trata-se de uma contribuição para o melhor entendimento sobre a tatuagem enquanto fenômeno informacional e o corpo como suporte de informação.

A pele pode ser um suporte para uma informação pessoal e, acima de tudo, uma informação para quem observa ou interage com o objeto (no caso, um ser humano) informativo. Do ponto de vista do tratamento da informação para acervos, a tatuagem não é uma das formas de expressão do conhecimento privilegiados pela Ciência da Informação. Assim, esse trabalho se justifica, também, pela originalidade, pois a pele não é um suporte de informação tradicionalmente estudado.

A partir disso, o estudo visa responder à seguinte questão: **De que modo a pele tatuada pode se caracterizar como uma fonte de informação?** O objetivo geral que norteou esta pesquisa foi: corroborar a possibilidade da tatuagem enquanto fonte de informação. Os objetivos específicos foram: a) apresentar um histórico da tatuagem como prática social; b) descrever a tatuagem como possibilidade simbólica e expressiva-representativa da informação e c) apontar exemplos das significações de tatuagens.

Para dar conta dos objetivos aqui explicitados, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma: na seção 2 apresenta-se a metodologia aplicada para o desenvolvimento do trabalho; na seção 3 apresenta subseções que tecem uma articulação teórica entre os conceitos de informação, tatuagem e memória, bem como o histórico da tatuagem com a finalidade de possibilitar entendimento do debate proposto; concluindo, as seções 4 e 5 contêm os resultados e as considerações finais, respectivamente.

2 METODOLOGIA

A autenticidade de um estudo científico é confirmada por meio de uma metodologia própria, devendo possuir criatividade e originalidade. Para darmos conta da pesquisa e dos objetivos propostos durante um trabalho acadêmico, necessita-se definir uma metodologia que tenha mais afinidade com o tema proposto, a fim de serem assegurados que os procedimentos definidos sejam adequados. A eleição de métodos, processos e técnicas para a abordagem da pergunta de pesquisa é o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Nesta seção serão descritos os tipos de estudos realizados, os processos de pesquisa, os procedimentos para a coleta de dados e, ao final, como os dados foram analisados para dar conta do objetivo geral.

Do ponto de vista teórico, realizamos uma reflexão sobre a relação entre os conceitos de “informação”, “tatuagem” e “memória”. Através da intersecção desses construtos, foi possível traçar uma linha de pensamento sobre a inscrição e organização dessas imagens no corpo das pessoas.

A pesquisa realizada foi de **natureza básica**, pois objetivou gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O trabalho proposto foi construído sob a ótica de uma **pesquisa exploratória**. O objetivo de uma pesquisa exploratória consiste em familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado. No caso da tatuagem como informação, ainda carecem estudos acerca da relação desses dois temas e conceitos. No final de uma pesquisa exploratória, adquire-se mais conhecimento sobre determinado assunto, estando-se apto a construir hipóteses. Como qualquer exploração, esse tipo de prática depende da intuição do explorador (neste caso, da intuição do pesquisador). Por ser muito específica, quase sempre a pesquisa assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008) e também de um trabalho bibliográfico, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, nenhuma pesquisa começa totalmente do zero. Haverá sempre alguma referência ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com temáticas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão.

A proposta do estudo foi a realização de uma **pesquisa qualitativa**, focando no caráter subjetivo do objeto analisado e estudando particularidades e experiências individuais. Essa forma de pesquisa ainda conta com um aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização ou demais assuntos relacionados.

A pesquisa qualitativa é utilizada em situações onde o que tem importância são as reações e percepções dos investigados, acerca do fenômeno a ser analisado. Segundo Godoy (1995, p. 21), “[...] a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.”.

Essa modalidade de pesquisa leva em consideração também relações sociais estabelecidas entre as pessoas que integram o estudo, no ambiente em que ocorre a análise. De acordo com Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é interpretativa, com o envolvimento intenso do pesquisador e o grupo pesquisado. O pesquisador tem papel importante, pois ele coletará diretamente os dados para pesquisa, por meio de entrevistas e/ou observação dos sujeitos.

A pesquisa qualitativa representa questões particulares, com um nível de realidade que não pode ou deve ser quantificado. Segundo Minayo (2007), essa modalidade de pesquisa trabalha com o universo dos significados, de aspirações, valores e motivos das pessoas. Os elementos citados constituem uma parcela de uma realidade social, pois o indivíduo distingue-se não só pelos seus atos, mas também pelo ato de pensar sobre o que executa e o modo de interpretar as suas ações dentro de uma realidade vivida e partilhada com outros indivíduos. Nesse sentido, Gomes (2007) destaca que não é necessário abranger a totalidade das falas e expressões dos interlocutores, sendo muito mais importante destacar a singularidade de cada indivíduo e diversidade de opiniões e crenças. Evidentemente que a dimensão sociocultural das opiniões pode ter muitos pontos em comum e, nesse sentido, a pesquisa qualitativa busca tanto o que é homogêneo como o que é diferente dentro de um mesmo grupo.

Esse trabalho se caracteriza como um estudo com **viés fenomenológico**. A origem do termo *fenomenologia* procede dos termos

gregos *phainomenon* e *logos*: o primeiro termo significa *aquilo que mostra de si mesmo*, enquanto o segundo termo é o *acolhimento disso, em um discurso esclarecedor*; dessa maneira, o termo *fenomenologia* é entendido como um discurso intuitivo e não só descritivo. Segundo Capalbo (1990), o objetivo das teorias do conhecimento ou de métodos filosóficos é de se chegar a uma evidência, utilizando a intuição, a capacidade intelectual para se chegar ao ponto de forma imediata. Ainda, a vivência pessoal de um sujeito tem papel fundamental para a obtenção de resultados em coletas de dados e estudos de fenômenos sociais. Sendo assim, compreendemos que a experiência da pesquisadora com tatuagens e tatuadores pôde auxiliar-nos quando da imersão no campo.

Nessa modalidade de pesquisa, o pesquisador interage com o objeto e com os entrevistados, pois o tema proposto é familiar e propõe-se estabelecer uma base segura, liberta de proposições (GIL, 2006). Um estudo fenomenológico não é dedutivo ou empírico, tem por objetivo esclarecer o tema proposto, tendo uma tendência de orientar a pesquisa para ser o mais direta possível, sem subjetivações.

O objetivo geral que norteou esta pesquisa foi: corroborar a possibilidade da tatuagem enquanto fonte de informação.

Os objetivos específicos foram: a) apresentar um histórico da tatuagem como prática social; b) descrever a tatuagem como possibilidade simbólica e expressiva-representativa da informação e c) apontar exemplos das significações de tatuagens.

O estudo partira de um interesse pessoal pelo tema (veja-se a introdução) e, para atender a este primeiro objetivo específico, nosso primeiro esforço foi entender os conceitos envolvidos, explicitando-os como categorias de análise e tentando aproximá-los e articulá-los com a questão informacional, do registro à preservação. Estas categorias e conceitos que tentamos articular na conclusão constituem a parte teórica da pesquisa.

Na oportunidade do estudo, imaginou-se ouvir pessoas com experiência em tatuagem e, nesse sentido, realizou-se um estudo exploratório em que se deu voz a alguns tatuadores - sujeitos que, em geral, também são pessoas tatuadas.

Assim, na coleta de dados, considerou-se útil a recolha de narrativas de pessoas tatuadas que exemplificassem o conteúdo informacional contido em suas respectivas tatuagens ou de pessoas que eles um dia tatuaram. Nesse sentido, o método da **história oral** orientou este estudo, permitindo “[...] a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências.” (THOMPSON, 2002, p. 9). Assim, nosso intuito foi compreender o fenômeno em estudo por meio da escuta das vozes dos sujeitos com experiência no assunto.

Esse método pareceu adequado na medida em que não objetivamos capturar um estudo exaustivo acerca de todos os dados relevantes sobre o tema estudado, mas sim um segmento da experiência humana (HAGUETTE, 1992). Além disso, convém lembrar que a história oral tradicionalmente se preocupou em explorar temas antigos ou marginais, quando não “inúteis” (SANTAMARINA; MARINAS, 1993), ou seja, temas pouco explorados ou reconhecidos pela ciência tradicional. Nesse sentido, tendo em vista o preconceito que circunda a temática da tatuagem, esse método se mostrou apropriado.

A história oral é, inevitavelmente, uma zona de fronteira, não tanto entre disciplinas, mas entre a própria academia e o mundo real, entre a memória legítima, cientificamente produzida [...] e as memórias individuais, no que tem de pessoal e de coletivo. Se há, como muitos defendem, um confronto entre essas memórias, a história oral se localiza em pleno front. (GUARINELLO, 1998, p. 63).

Os sujeitos da pesquisa foram três tatuadores de Porto Alegre, que são das relações pessoais da autora e que se dispuseram a contar a história de suas tatuagens e a sua percepção sobre o ato de tatuar-se. Para este fim, foram aplicadas **entrevistas** (Apêndice A). O uso dos dados coletados foi autorizado mediante a assinatura de **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (Apêndices B, C e D).

A princípio, estas interações se deram no formato semiestruturado, com perguntas acerca das motivações para os temas e desenhos das tatuagens, de acordo com as narrativas e tipos de tatuagens de cada entrevistado.

Algumas dessas perguntas foram norteadas pelo resultado do referencial teórico acerca dos conceitos de informação, tatuagem e memória.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas - as **transcrições** estão nos Apêndices E, F e G. Essa transcrição procurou dar conta da maior fidedignidade possível, buscando trazer dados que, segundo Gomes (2007), “falassem por si próprios”.

A análise dos dados confirmou algumas das articulações teóricas construídas no referencial que embasa este estudo. Ao contrário da descrição, que privilegiou a fala dos sujeitos, na análise tentou-se relacionar a parte teórica com as falas dos entrevistados, uma interpretação posterior, portanto. Ainda na visão de Gomes (2007, p. 80), este momento de análise “[...] seria a interpretação das interpretações”. O conjunto dos dados obtidos através das entrevistas foi cruzado com os resultados do estudo teórico dos assuntos abordados, buscando o sentido de tais falas frente ao referencial teórico. Como uma experiência de pesquisa inicial, a descrição das entrevistas pareceu útil para chegar a uma interpretação, o que também já é previsto pelo autor.

Uma das questões que surgiu durante o processo de pesquisa foi acerca da suficiência dos dados para análise. Nesse sentido, a opção de realizar somente três entrevistas pareceu suficiente, já que apresentamos este trabalho como uma pesquisa exploratória sobre as possibilidades de conectar a tatuagem com a noção de informação.

Como fase final da pesquisa, ancorando nossas observações nos pressupostos teóricos, apresentamos as articulações entre as falas dos sujeitos entrevistados e reflexões teóricas recuperadas dos textos da seção de resultados.

3 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: COSTURAS TEÓRICO-HISTÓRICAS

O ato de marcar a pele, conhecido como tatuagem (do tailandês *tatau* e mais tarde do inglês *tattoo*), consiste no processo de introduzir debaixo da epiderme substâncias corantes, vegetais ou minerais, para apresentar sinais, linhas, pontos ou desenhos com o objetivo de passar uma informação ao outro que vê, ao outro que observa cada linha traçada. A arte na pele pode identificar alguém de uma tribo, uma homenagem para alguém querido, um protesto, um passado triste ou feliz, um luto de algo ou alguém que já não está entre nós, entre outros significados.

Figura 1 – A Múmia de Ötzi



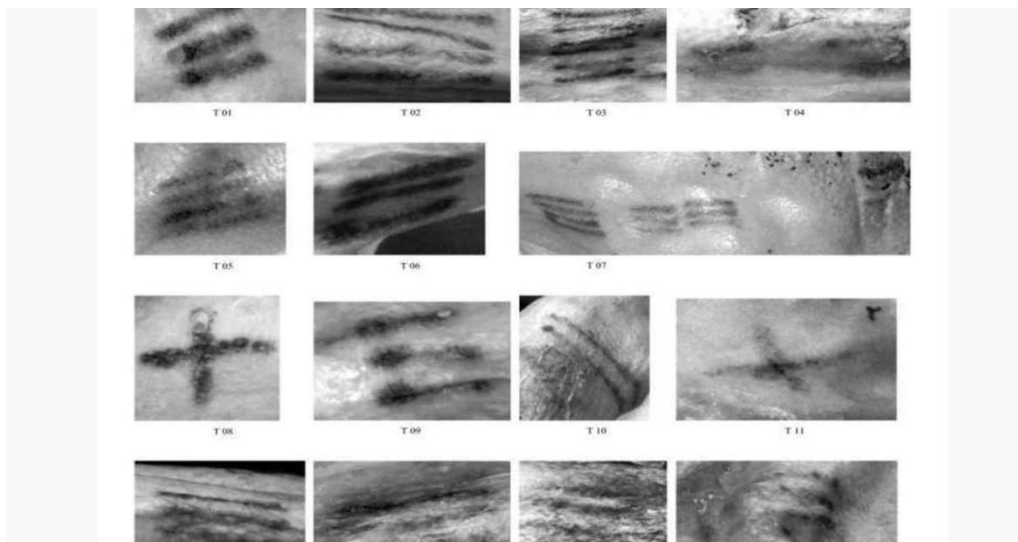
Fonte: Crystalinks, 2009.

A tatuagem tem sua origem ainda um pouco controversa desde a descoberta da múmia de Ötzi (Figura 1), chamado de Homem do Gelo, com datação aproximada de 5300 anos (PABST, 2003). O registro mais difundido é que a tatuagem surgiu no Antigo Egito, em torno de 4000 e 2000 a.C., e também por nativos da Polinésia, Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia (tribo Maori), onde tatuavam-se em rituais ligados a religião (GILBERT, 2000). Conforme exposto na Figura 2, Ötzi tinha mais de 40 sinais pelo corpo, entre traços e pontos.

Os primitivos se tatuavam para marcar os fatos da vida biológica: nascimento, puberdade, reprodução e morte. Depois, para relatar os fatos da vida social: virar guerreiro, sacerdote ou rei; casar-se, celebrar a vida,

identificar os prisioneiros, pedir proteção ao imponderável, garantir a vida do espírito durante e depois do corpo (HAMBLY, 1925).

Figura 2 – Desenhos no corpo de Ötzi

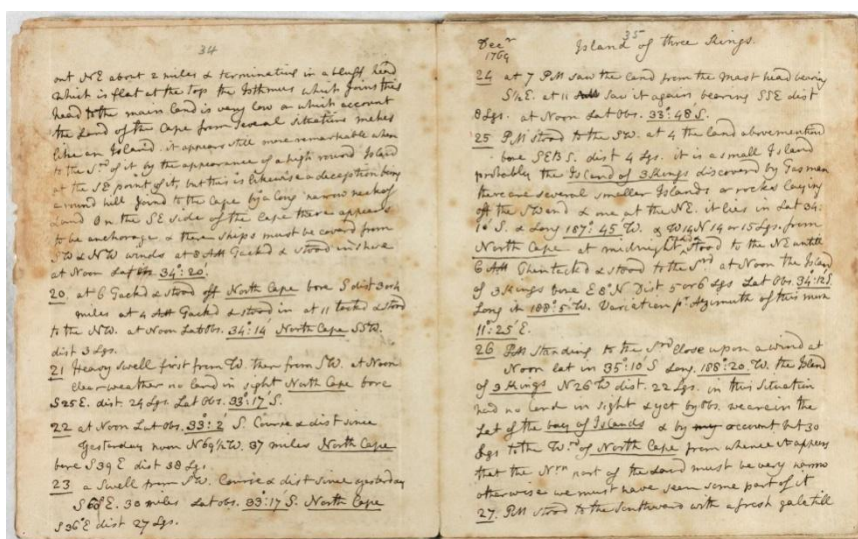


Fonte: Samadelli, Marco. Institute for mummies and iceman, 2015.

São nas primeiras viagens marítimas que temos a maior notícia do passado da tatuagem. Conforme Caruchet (1995), o explorador veneziano Marco Polo vê e escreve sobre suas viagens nas suas descrições da Ásia do século XIII, mostrando o colorido da tatuagem no continente asiático.

Em viagem pelo Taiti (Polinésia Francesa) em 1769, o capitão James Cook (Figuras 3 e 4) registra costumes dos nativos em seu diário de bordo. Na língua deles, chamam isso de *tatau*: injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével e, com isso, o capitão “descobre” a tatuagem. É por ele que a palavra tatuagem (*tattoo*) entra para a língua inglesa, por meio de uma adaptação sua para as palavras taitianas e samoanas "*tatah*", "*tatau*" e "*tah-tah-tow*", expressões essas que nada mais eram do que o ato de marcar o corpo (KRAKOW, 1994).

Figura 1 – Diário de James Cook



Fonte: Tattoo.com

Figura 4 - Agulhas e artefatos das tribos que Cook visitou



Fonte: Tattoo.com

A tribo dos *Maori* (Figura 5), que habitava a Nova Zelândia, realizava trabalhos na pele muito elaborados, na região do rosto, os chamados *makule*. Esses símbolos, de acordo com Caruchet (1995), eram formados por linhas e arabescos diversos, simbolizando a família, a descendência, a região de origem e as conquistas da pessoa. Segundo o autor, quando os europeus que lá chegaram pediam aos *Maori* que assinassem documentos, obtinham, no lugar de nomes ou assinaturas, desenhos idênticos às tatuagens que, na

realidade, significavam para os nativos seus nomes, quem eles eram. Na figura 6, um exemplo dos instrumentos que egípcios e maoris utilizavam.

Figura 5 – Representação de um integrante da tribo *Maori*



Fonte: Wikipedia, 2015

Figura 6 – Agulhas egípcias e cinzel feito de osso - tribo *Maori*

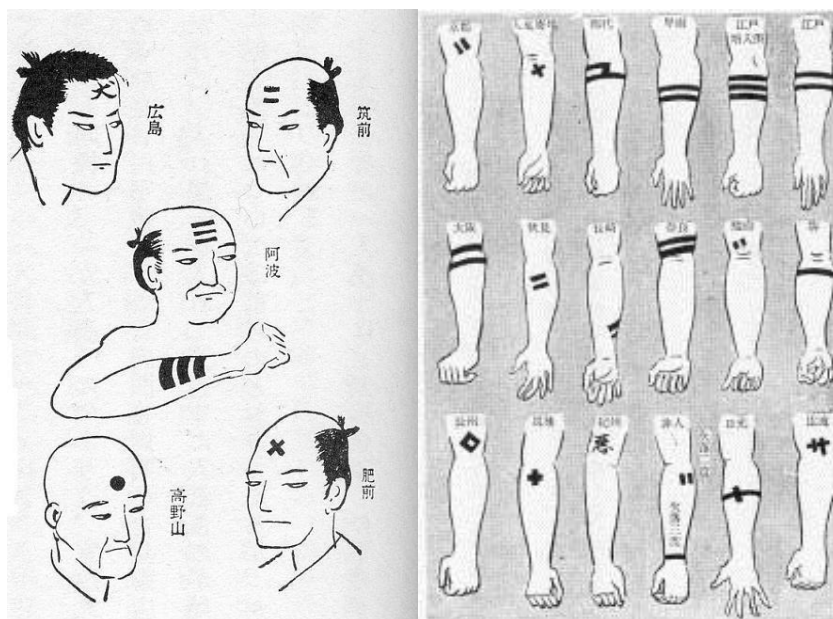


Fonte: Sin on Skin Tattoo Studio, 2010.

No Japão, o ato de marcar a pele também ficou conhecido através de navegações, com o contato de japoneses com a cultura da Polinésia. No período feudal, a tatuagem no Japão servia como forma de punição à criminalidade, e nesse período a tatuagem era considerada pior do que a morte. Com o período de crescimento (transição para o Período Edo) e aumento de população, a criminalidade aumentou junto. Como mostram as

figuras 7 e 8, esses criminosos foram tatuados na testa para que as pessoas pudessem ver que cometiam um determinado crime, uma prática chamada *Irezumi*. Cada região tinha seu próprio símbolo e com isso podiam dizer em que localidade esses indivíduos cometeram os crimes (GILBERT, 2000).

Figuras 7 e Figura 8 – Tatuagens punitivas no Japão Feudal



Fonte: Iromegane, 2013.

Porém, em um período de grande repressão, ser criminoso representava certa resistência ao que era imposto à população, e assim a tatuagem tornou-se símbolo dessa *resistência*. Acredita-se que até então o Japão foi o país que mais aprimorou esta arte, a partir de bambus e matéria-prima para pigmentação extraída da fauna, representando algo mais natural e menos agressivo para a pele humana.

Segundo Gilbert (2000), na era Cristã, totalmente na clandestinidade, a tatuagem era considerada uma prática pagã, os primeiros cristãos se reconheciam por uma série de sinais tatuados, com cruzes, as letras IHS, o peixe, as letras gregas. Durante milhares de anos as tatuagens eram feitas com ferramentas manuais, que em vez de serem objetos para decoração do corpo, eram objetos de dor, era um processo doloroso, arcaico e muito demorado, durando semanas, meses e até anos. Com a invenção da primeira máquina de tatuar, o processo se torna mais rápido e mais popular.

A primeira máquina de tatuagem elétrica (Figura 9) foi inventada por Thomas Edison em 1876, que desenhou planos para um gravador elétrico que se tornou a máquina que revolucionou a tatuagem. As patentes para máquinas de tatuagem foram arquivadas menos de dez anos depois por indivíduos diferentes, cada um adicionando suas próprias melhorias.

Figura 9 – Máquina de Tatuagem Elétrica de Thomas Edison



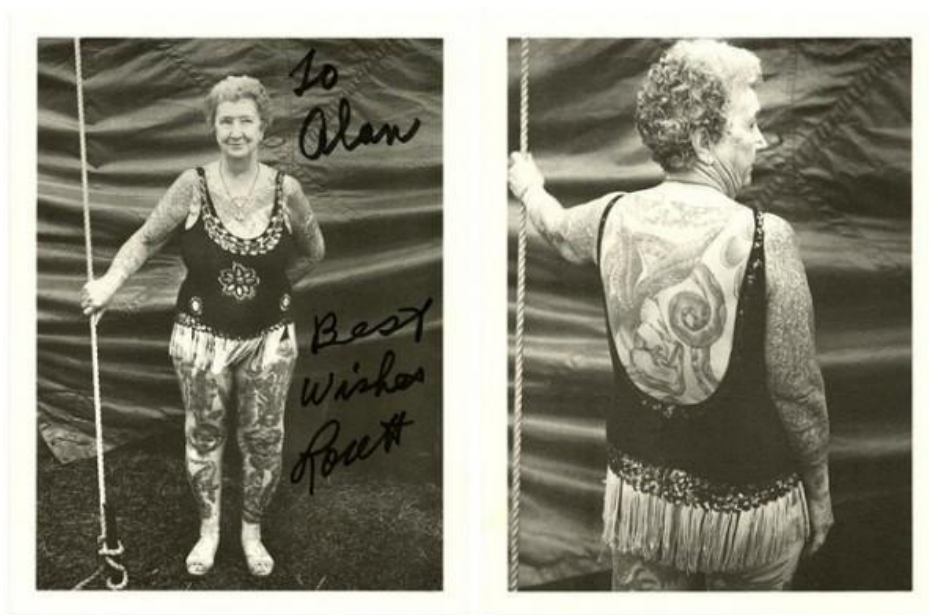
Fonte: Studio One, 2008.

Segundo Caruchet (1995), a grande invenção, comemorada por muitos, foi creditada a Samuel O'Reilly em Nova Iorque, ainda que conste que foi Edison quem tomou a decisão de produzir aquele objeto de tamanha utilidade. A O'Reilly é creditada a criação da primeira "caneta elétrica". O dispositivo, no entanto, foi construído diretamente a partir dos planos de Edison. A única modificação introduzida por O'Reilly na versão de Edison foi adicionar um reservatório de tinta. A máquina que usamos hoje foi patenteada pela primeira vez por Charlie Wagner, que era chamado de gravador alternativo de bobina dupla, especialmente feito para tatuagem.

Em consulta a diferentes fontes, não se identificou nenhuma documentação ou evidência escrita de que O'Reilly e Wagner trabalhavam no mesmo espaço - essa é versão contada quando foi entrevistado por Albert Parry para um livro intitulado *Tattoo: Secrets of the strange art as practiced by the natives of the United States*, que foi publicado em 1933.

Apenas dois anos após sua prisão por tatuagens ilegais em crianças, Wagner pediu uma patente em uma máquina de tatuagem atualizada. Com base no design original de O'Reilly, Wagner modificou-o adicionando bobinas verticais em linha com o conjunto do tubo original.

Figura 10 – Loretta Fulkerson, a “dama tatuada” dos anos 1930



Fonte: Tinta na Pele, 2014.

Na década de 1920, segundo Mifflin (1997), a tatuagem se torna atração de circos, parques de diversões e feiras, com pessoas exibindo seus corpos completamente tatuados (conforme mostra acima, na Figura 10, em ambiente de circo), alguns nus para um público que se diverte com o espetacular e o extraordinário.

Com todas as mudanças na maneira da concepção da tatuagem, a arte corporal se torna acessível a um número muito maior de pessoas. Mas essa popularização também fornece margem para a criação de uma atração pelo exotismo exagerado, o que não significa algo positivo para a parcela da sociedade, ainda pequena, que possui tatuagens.

Um aspecto negativo carregado pela tatuagem decorre do seu uso na Alemanha nazista. Os “carimbos” eram como chamavam as tatuagens forçadas (Figura 11) que os prisioneiros eram obrigados a carregar na pele no campo de concentração de Auschwitz. Os prisioneiros judeus eram marcados

com seu número de identificação. Conforme Ramos (2006), já existiam máquinas e métodos de tatuagem bem menos dolorosos, mas os nazistas escolhiam as piores delas pois quanto maior o sofrimento, mais satisfação para os soldados nazistas. Naquele momento o corpo era uma mensagem, a mensagem de um mundo doente, de um momento histórico chocante e triste.

Figura 11 – O número bordado no uniforme e o número na pele



Fonte: Holocaust Encyclopedia, 2007.

A ausência de autorização de tais sinais e números diferencia o que se praticava em Auschwitz do que entendemos hoje em dia como tatuagem. Exemplificando: a nova maneira de utilizar a pele como acessório ou meio de expressão choca-se com a comunicação visual de um ritual de punição e exclusão social e política, praticado pelo Nazismo ou no Japão Medieval.

Nos cinquenta anos seguintes, a tatuagem continuou a ser símbolo das classes marginais, representação do que estava totalmente fora da sociedade e dos padrões de cada época. Marinheiros, prisioneiros e soldados de guerra regressavam para casa tatuados. No caso dos prisioneiros, marcas simbolizando o crime cometido e o tempo de prisão (SCHIFFMACHER, 1996). Já os soldados traziam na pele outros tipos de desenhos e significados, como emblemas patrióticos e nacionalistas, sendo que, segundo Caruchet (1995), diversos tatuadores até mesmo viajavam nos navios junto aos marinheiros.

Com relação ao sistema prisional, os detentos se tatuam para mostrar a facção à qual pertencem e também quais os crimes que cometeram antes e

até durante o período prisional. Nesse caso, as tatuagens não possuem o objetivo de adornar positivamente a pessoa. Elas revelam quem é o preso, o crime que praticou e o que se deve sentir por eles – seja medo, desprezo ou até pena. Na verdade, as tatuagens de cadeia são uma forma de comunicação dos presos em assuntos que não gostam de comentar. Conforme Ramos (2001), só quem estuda ou conversa a fundo com eles descobre os meandros de cada linha e de cada desenho.

Atualmente, as técnicas da tatuagem vêm sendo usadas para uma série de outras práticas como, por exemplo, cobrir cicatrizes, corrigir defeitos na pele ou também a maquiagem definitiva (sobrancelha, lábios e olhos), que usa o mesmo princípio de pigmentação. Através dessa breve história da tatuagem, percebemos que seus usos foram os mais variados, em diversos grupos sociais de distintos lugares do mundo.

3.1 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica para costurar essas duas temáticas contou com bibliografia nas áreas de Ciência Aplicada e Social, uma vez que a busca na *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (BRAPCI) retornou com zero resultados acerca do tema *tatuagem como suporte de informação*. Os termos de busca utilizados foram *tatuagem*, *tattoo* e *tatuagem AND informação*. A base de dados *Library and Information Science Abstracts* (LISA) também não recuperou nenhum documento pertinente à pesquisa.

Em uma pesquisa bibliográfica e em bases de dados, chega-se à conclusão de que o número de publicações com tema relacionado à tatuagem interligada com informação (no caso, Ciência da Informação e seus teóricos), é quantitativamente insignificante. Ainda, realizando uma pesquisa em livrarias e *sites* de sebos e bibliotecas, conclui-se a carência de livros abordando inclusive a história das tatuagens, bem como outros aspectos do assunto. As poucas obras encontradas em Português versam sobre significados de desenhos, aspectos psicológicos e também com históricos da tatuagem e de tatuadores famosos, porém ainda não se considera suficiente para uma pesquisa aprofundada do assunto.

Os poucos trabalhos existentes que poderiam aproximar-se das perspectivas informacionais são das pesquisadoras Débora Krischke Leitão (na área de Antropologia Social) e Célia Maria Antonacci Ramos (na área de Artes Visuais), sendo a última citada autora de publicações sobre grafite e os impactos urbanos dessa arte. Podemos, talvez, comparar o grafite com a tatuagem, onde a tatuagem é um registro com prazo de uma vida, diferente do grafite, que pode durar dias, mas não mais que alguns anos.

Em pesquisa realizada no *Repositório Digital LUME/UFRGS*, identificou-se o Trabalho de Conclusão de Curso de Suelen Fraga Flesch, do curso de Biblioteconomia, datado de 2015, com o título *Livro vivo: o corpo como suporte de informação*. Nele, a autora versa sobre como um corpo torna-se suporte de informação, bem como os tipos de marcas corporais e também a tatuagem em um suporte vivo (conceito de livro aberto). Apesar da grande proximidade de temas e de ambas as pesquisadoras escreverem sobre tatuagem, este estudo pretende deter-se na tatuagem como informação (análise de desenhos, traços e pontos), como uma informação para o tatuado e para quem observa o portador de adornos pintados na pele. Nesse sentido, propomos um avanço em relação aos estudos já realizados no campo da CI.

3.2 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: ARTICULANDO CONCEITOS

A informação, no seu sentido mais amplo, define-se pelo conceito mais simples e direto: dar conhecimento, dar ciência (acerca de um assunto específico ou também, tomar conhecimento de algo ou alguém) (EPSTEIN, 1986). O conteúdo informacional faz com que acabem dúvidas e apareçam mais certezas e definições sobre o mundo. Os usos e meios de suporte da informação são os mais diversos, indo de um simples papel rascunhado até uma grande obra arquitetônica ou artística. Le Coadic define o que é a informação:

A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento de linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação. (2004, p. 4)

Toda a informação é densa, podendo desenvolver mais de um significado, dependendo dos indivíduos que a interpretam e da utilização que lhe é dada.

Em primeiro lugar é preciso esclarecer que, na ótica da Ciência da Informação, o objeto 'informação' é uma representação. Como é uma representação de conhecimento, que já é uma representação do real, ela se torna uma representação da representação. Por isso, a informação é um objeto complexo, flexível, mutável, de difícil apreensão, sendo que sua importância e relevância estão ligadas ao seu uso. (OLIVEIRA, 2011, p. 18).

Para permitir que uma informação possa ser transmitida, torna-se necessário que ela esteja inserida ou registrada em um suporte. Dessa forma, conforme Oliveira (2011), como existem diversos tipos de informações, existem também variados suportes para elas. A informação tem um efeito de transformar ou reforçar o que é conhecido e, a partir das perspectivas contemporâneas da CI, ela não se restringe aos documentos impressos, podendo ser percebida em conversas ou qualquer outro tipo de comunicação ou prática informacional.

De acordo com Cunha (2008), a informação é definida como o registro de um conhecimento, podendo ser necessária às tomadas de decisão. O autor ainda expõe uma visão ampla sobre o que vem a ser a informação e como ela pode ser utilizada e expressa de diversas formas.

Com a informação podem-se realizar diversas operações, tais como: criação, transmissão, armazenamento, recuperação, recepção, cópia (em diferentes formas), processamento e destruição. A transmissão da informação é feita numa grande variedade de formas, entre as quais se incluem: luz, som, ondas de rádio, corrente elétrica, campos magnéticos e marcas sobre o papel (CUNHA, 2008, p. 201).

Conforme González de Gómez (2000), os múltiplos significados que a informação possui atualmente remetem aos mais diversos domínios, como cognição, textos, artefatos culturais e infraestruturas. Quando tratamos sobre os tipos de suportes da informação, é necessário dissertarmos acerca da evolução da comunicação dos homens por meio da linguagem escrita, pois foi concomitante a ela que os tipos de suportes foram se modificando ao longo dos séculos. Antes mesmo do surgimento da escrita fonética como se

conhece atualmente, pinturas rupestres do período pré-histórico já adornavam cavernas e grutas, eram manifestações fixadas nas rochas por meio da escrita pictográfica (MARTINS, 1998). O suporte nesse período foram as rochas e paredes das grutas e cavernas.

Uma outra maneira de escrita utilizada foi realizada pelos povos Incas e Iroqueses, que era o chamado sistema mnemônico. O sistema utilizado pelos Incas chamava-se *quipos* e o utilizado pelos Iroqueses denominava-se *wampum*, essa prática consistia no uso de cordões de fios de lã compostos por diversas cores, com nós ou conchas ao longo dos fios. “O princípio do *wampum* é o mesmo do dos *quipos*; sua significação está nas cores das conchas e nas figuras formadas: por exemplo, um machado significa guerra. ” (MARTINS, 1998, p. 39).

Um marco na história da escrita foi quando o homem se tornou capaz de substituir a imagem visual pela manifestação fonética. De acordo com Martins (1998), a escrita fonética pode ser dividida entre as categorias alfabética e ideográfica. Os ideogramas começaram a representar os objetos por um sinal que os interpretasse graficamente e as ideias eram expressas por outros sinais adequados. Conforme o autor, os tipos clássicos de escrita ideográfica são o chinês, os caracteres cuneiformes e os hieróglifos. Após a fixação da utilização de uma escrita fonética alfabética, os suportes em que essa escrita foi registrada ao longo dos séculos, foram criando forma e estabelecendo-se.

Além das pedras e rochas, utilizou-se madeira e bambu como suporte da informação e, com isso, surge o papiro às margens do Rio Nilo, no Egito. Predominantemente uma prática dos egípcios, o papiro era feito com as fibras do caule da planta umedecidas com a água turva do rio Nilo e colocadas em camadas superpostas. As folhas secavam ao sol para depois serem unidas novamente com cola de farinha (MARTINS, 1998). Ano após ano, o papiro acabou ficando escasso e a sua importação muito difícil, devido às guerras que ocorriam pela região. Dessa forma, a matéria vegetal começa a ser colocada de lado e a utilização de peles de animais, os pergaminhos, passam a ser utilizados.

Os mais antigos registros em pergaminho, atualmente existentes, datam do século III: são uma *República*, de Cícero, e um *Virgílio*, ambos

integrantes do acervo da Biblioteca do Vaticano. Do século IV ao século XVI, “[...] o pergaminho foi o material mais utilizado na escrita e na França, do século IX ao século XII, apenas o pergaminho se empregava nos livros e atos.” (MARTINS, 1998, p. 65).

Com as definições acima apresentadas e dissertadas, pode-se notar que uma informação pode adquirir diversos significados, seguindo a forma com que um indivíduo a interpreta, possuindo diversas formas de ser expressa. A informação pode tomar qualquer forma, sendo um signo linguístico, iconográfico ou sonoro, podendo ser capaz de emanar inúmeros significados para diversos indivíduos e sempre por meio de algum suporte físico, seja ele em papel, em meio eletrônico ou até mesmo numa pele, no caso do trabalho desenvolvido, o corpo humano.

Na contemporaneidade, o significado da palavra “informação” perdeu o sentido de ser apenas o ato de dar forma para se tornar algo muito maior: informação passa a ser associado com “representação”. O conceito de *representação* pode ser inserido no contexto da Informação no momento em que esta traz uma rerepresentação de algum tema ou assunto pertinente. Conforme Capurro (1992), a representação torna-se um meio de construir novos significados acerca dos processos humanos de significação e interpretação.

De acordo com McGarry (1999), a informação deve ser representada, construída ou contida de alguma “forma”, para não se tornar amorfa e inutilizável. A informação sempre deve ter uma forma de *veículo*, segundo McLuhan (1972). O signo, segundo McLuhan (1972), é o indício físico da presença de algo ou evento que representa (por exemplo: onde há fumaça, há fogo). Com relação aos símbolos, ao contrário dos signos, eles têm a intenção de causar um tipo de reação emocional, tendo significado que transcende o significante. A ideia fundamental a respeito de símbolos é a sua representação, construída culturalmente e aceita no grupo social que a utiliza.

Em sua análise do sistema penal, Foucault (2014 apud BERGER, 2007) mostra que a punição dos criminosos, até o início do século XIX, era como um espetáculo público de exposição do criminoso não só pela justiça, mas por toda a sociedade atingida por ele. Uma das maneiras de criar um grande espetáculo era marcar o corpo dos condenados com o ferro em brasa,

para que o mal que ele havia cometido ficasse para sempre em sua pele, marcado e visível no seu corpo. Além disso, Berger (2007) discorre sobre O *Suplício dos Condenados* (capítulo do livro de Foucault), evento esse que fazia parte da Ordenação de 1670, que regeu até a Revolução Francesa algumas formas gerais de prática penal, das quais faziam parte as penas corporais, dolorosas e mais ou menos atroz. Nesse suplício, a intensidade e duração correspondiam ao tipo de sofrimento físico da vítima, a qualidade de danos, a gravidade do crime, a pessoa do criminoso e o nível social de suas vítimas.

Dessa maneira, os símbolos e signos que faziam parte dos castigos impostos aos criminosos acabavam mostrando para a população que aquelas pessoas não são confiáveis, são hostis e possuem graves erros cometidos social e moralmente.

Em relação à vítima, deve ser marcante: destina-se, ou pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima, o suplício, mesmo se tem por função purgar o crime, não reconcilia; traça em torno, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado, sinais que não devem se apagar [...]. (FOUCAULT, 2014, p. 37 apud BERGER, 2007).

Em nossa sociedade, também tivemos a presença destas marcas, tão usadas durante todo o período da escravidão e que, com certeza, reverberam em nosso imaginário. Segundo Berger (2007), é de fundamental importância constatarmos que estas marcas, por elas mesmas, nada dizem, ou seja: elas só podem ter um significado e serem entendidas se estiverem dentro de um contexto sociocultural em que foram produzidas. Ou seja, cada marca só receberá um sentido em função do seu significado cultural, que pode mudar de local para local. As tatuagens sempre possuem uma referência direta às relações sociais, como, por exemplo, o amor à mulher, aos pais, aos animais de estimação, elogios a facções sociais, a pertença a uma tribo¹, etc., que só passam a ter um sentido em específicas sociedades.

Torna-se necessário frisar bem sobre o pertencimento dado pela tatuagem, que pode ser simbólico e não obrigatoriamente efetivo: a arte pode expressar pertencimento a um grupo de motoqueiros, por exemplo, onde a

¹ Aqui utilizamos “tribo” em amplo sentido: as tribos de sociedades de memória (sem escrita) e as tribos urbanas contemporâneas.

maioria dos integrantes é tatuada, mas também um pertencimento virtual a um grupo em que, embora seus membros não se vejam com frequência, veem na tatuagem uma expressão de coragem, liberdade, fé e domínio sobre o próprio corpo (BERGER, 2000).

Através da articulação teórica entre os conceitos de *informação* e *tatuagem*, bem como pela análise dos processos históricos pelos quais passaram o ato de se tatuar ou tatuar a outrem, a tatuagem pode ser considerada um registro de informação. Entretanto, compreendemos que essa relação se efetiva, sobremaneira, a partir dos aspectos mnemônicos, na medida em que a informação registrada na pele sempre tem o interesse de representar algo para ser posteriormente reconhecido e memorado. Sendo assim, tecemos a seguir uma reflexão teórica sobre o papel da memória nesse processo.

3.3 TATUAGEM, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Nossas lembranças são ativadas não apenas no ato de olharmos para nós mesmos, mas também no momento em que as pessoas de fora lembram de quem somos, de como somos, lembram fatos cotidianos e nossas motivações a eternizarem esses fatos. Podemos eternizar acontecimentos por diversos meios: cartas, livros, bilhetes, objetos de uso, roupas e também tatuagens.

As percepções do presente remontam ao conjunto de lembranças e referências do que somos ou do que um dia fomos. Segundo Halbwachs (2006), há a reflexão dos dois seres que coexistem em alguém. Um deles é sensível, uma testemunha que vem para mostrar o que viu; e um outro *eu* que não viu nada, mas talvez tenha visto outrora alguma informação e formado uma opinião com base no testemunho do mundo ao seu redor. Conforme o autor, quando nos encontramos, nos deparamos com o passado, evocamos todas as informações possíveis para entender a presença daquele passado no presente, bem como o motivo que ele retorna e permanece junto de nós.

A partir das reflexões acerca da leitura de Halbwachs (2006), compreendemos que a tatuagem é o presente que remonta a um passado e, por consequência, um passado que nos acompanha no presente e nos

acompanhará no futuro – a não ser que a morte ou o laser separe essa ligação, esse laço passado-presente que o tatuado cria no momento em que começa o primeiro traço de sua tatuagem. É uma rememoração do que foi, do que é e do que vai ser durante a vida. As marcas na pele podem sofrer mudanças, podem ser cobertas por novos significados, apagadas por completo ou serem completadas por novas informações que surgiram no emaranhado da mente humana.

Com a marca corporal, por mais que quiséssemos desistir ou apagar totalmente uma memória, ela permanece no corpo: no braço, na mão, no peito, na perna, na costela... ela está presente, por mais que a roupa tape, por mais que não se fale sobre a existência dela, a história da vida está escrita nesse suporte diferenciado e pouco comum: a pele.

Os sentimentos experimentados de carregar recordações, rostos, escritos e histórias de uma vida, são pertencentes apenas ao tatuado, visto que a pele dele é como um livro aberto, um livro onde as páginas não podem ser arrancadas, por mais que às vezes se tenha vontade. O tatuado é um livro aberto, exposto para os outros, sendo que essa “informação de si” que o sujeito produz ao tatuar-se serve não só para si, mas para se identificar e informar aos outros.

Entretanto, cabe ponderar que, embora a informação esteja ali registrada e visível ao outro em forma de tatuagem, apenas o sujeito tatuado é que sabe efetivamente o que ela significa. Ou seja: o corpo se assemelha a um livro aberto, mas codificado. Isso significa que muitos símbolos, escritos e desenhos podem ter diversos significados, de acordo com quem os tenta ler.

Todos os desenhos, linhas e escritos que uma pele possui, rememoram a fatos que muitas vezes não foram registrados em um vídeo, uma foto ou um memorando. A pele é um suporte informacional ambulante, com duração de no máximo uma vida, mas que pode explicar diversas experiências que a pessoa passou ao longo da vida.

Um exemplo para se remontar esse arquivo de dados que uma pele pode carregar é a série americana *Blindspot*. A série inicia com uma moça totalmente nua, abandonada dentro de uma mala, em plena *Times Square*, em *Nova York*. O detalhe mais interessante da moça é que ela possui o corpo todo tatuado, porém ela não lembra de nada, como se não tivesse memória.

Nesse momento, o seu corpo passa a ser a chave de tudo o que ocorreu: cada desenho em sua pele explica um crime cometido, uma pessoa envolvida com algo... é uma metáfora do que uma pele tatuada pode informar.

A tatuagem é considerada por Costa (2014) como um signo, uma “mácula” que a pessoa doravante tatuada opta por registrar na epiderme, seu suporte móvel e perene. O signo é o indício da presença física e imediata de alguma coisa ou algum evento a ser representado. O objetivo do signo é ter um significado duradouro, transcendente, que cause reações emocionais e se concretize no presente, seguindo sempre com a pessoa que o porta (RODRIGUES, 2006).

A partir das reflexões de Assmann (2011), podemos compreender que as escritas do corpo surgem como algo muito além dos exemplos de escritas conhecidos, como pedras entalhadas e papéis rascunhados: nem os danos da vida podem apagar um registro na pele. Metaforicamente, é uma marca que pode chegar até a alma. O cérebro e o coração deixam de serem os únicos lugares de memória, passando a dividir recordações com a pele.

A perspectiva da autora foge um pouco à abordagem deste estudo, pois aborda as marcas corporais a partir de experiências traumáticas, tais como o Holocausto. Ainda a respeito das inscrições no corpo, lembramos das iniciações de homens (e algumas mulheres) em tribos: experiências nas quais dor e memória caminham juntas. Conforme Assmann (2011), o etnólogo Pierre Clastres identificou em seus estudos que essa relação impede que haja um esquecimento de informações de fatos relevantes, da história daquela pessoa. A memória corporal de feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória mental, pois a idade avança, mas a pele não nos deixa esquecer ou mentir. As escritas corporais foram tematizadas por meio de contextos bem diferentes e interpretadas ou avaliadas de diferentes formas, de acordo com a metafísica que lhes servia de orientação (ASSMANN, 2011).

Com relação à tatuagem como registro de memória, podemos também argumentar sobre o conceito do corpo como um “livro vivo”, pois nesse momento o corpo do indivíduo tatuado é utilizado como um suporte para expressar algo. Como afirma Araújo (2010, p. 65), “[...] parece teimosia. Mas é o corpo que não para de emitir mensagens, como um velho sobrevivente feito de carne, na grande máquina de produzir imagens e espetáculos”.

Assim como as pessoas identificam-se com a capa e com o conteúdo de um livro, elas também podem se identificar com a tatuagem de outras pessoas tatuadas. Para grande maioria dos tatuados, aquilo que é gravado na pele é o seu sentimento mais verdadeiro, é a prova do que aconteceu em tempos passados e que se deseja perpetuar pela vida toda, estando presente todos os dias naquelas cores ou apenas em cor de tinta preta; é a ideia de se tornar um livro vivo, um documento ambulante carregado de memórias e vontades.

Por muitos anos o papel, ligado somente à expressão da palavra escrita, passou a dividir espaço com outros suportes, considerados como “documentos”: instrumentos, objetos, prédios, vestuários, alimentos... tudo o que possa ser portador de significados. Conforme Tammaro e Salarelli (2008), o documento não é mais somente algo legível na forma escrita: o documento é fruto da capacidade do pesquisador para interrogar um material. Dessa forma, a tatuagem, mesmo com todo o histórico e antiguidade que possui, entrou como um novo modo de informação, tornando a pele um novo suporte para a informação a ser transmitida.

3.4 A PELE INFORMATIVA: O EXEMPLO DA TATUAGEM NOS PRISIONEIRO NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Durante o Holocausto, os prisioneiros dos campos de concentração receberam marcas em sua pele, fazendo sua identificação dentro do local em que estavam aprisionados. O complexo do acampamento de *Auschwitz* consistiu em *Auschwitz I (Main Camp - o campo original)*, *Auschwitz II (Auschwitz-Birkenau)* e *Auschwitz III (Monowitz e os subcampos)*.

Embora não possa ser determinado com exatidão, a tatuagem possivelmente foi aplicada principalmente para facilitar a identificação, no caso de morte ou fuga. A prática de atribuir números aos prisioneiros foi introduzida em maio de 1940, sem ainda haver a prática de tatuá-los com tais números atribuídos. Esta primeira série foi dada a prisioneiros do sexo masculino e permaneceu em uso até o ano de 1945, terminando com o número 202.499.

A seqüência, segundo a qual os números de série foram emitidos, modificou-se no tempo, com a introdução de outras categorias de prisioneiros

no campo, de modo que o esquema de numeração se tornou mais complexo. A partir de certo momento houve divisão em séries: "regular", AU, Z, EH, A e B. A série chamada de "regular" consistia em números sequenciais que foram usados na fase inicial do campo de Auschwitz, para identificar os polacos, judeus e a maioria dos presos (todos do sexo masculino). A série "AU" designava os prisioneiros de guerra soviéticos, enquanto a série "Z" (usada em 1943, onde a letra é a inicial do termo que definia os ciganos, *Zigeuner*). Por fim, "EH" designava os prisioneiros que tinham sido enviados para "reeducação"²(*Erziehungshäftlinge*).

O número de série que os prisioneiros recebiam no acampamento foi também costurado nos uniformes que usavam (Figura 12). Somente os presos selecionados para o trabalho recebiam os números de série, enquanto os prisioneiros enviados diretamente para as câmaras de gás não foram registrados e não receberam tatuagens e, com isso, não há um número exato de pessoas mortas e que tenham passado em todos os campos de concentração (RAMOS, 2006).

Figura 12 - Prisioneiros no campo de concentração de *Buchenwald*



Fonte: Holocaust Encyclopedia, 2007.

Inicialmente, as autoridades da SS realizavam a marcação dos prisioneiros que estavam na enfermaria (à beira da morte) com o número de

² Seguindo as orientações de uma ordem operacional de 1941, os prisioneiros de guerra soviéticos foram divididos em grupos descritos como "fanático comunista", "politicamente suspeito", "não é politicamente suspeito" ou "adequado para a reeducação".

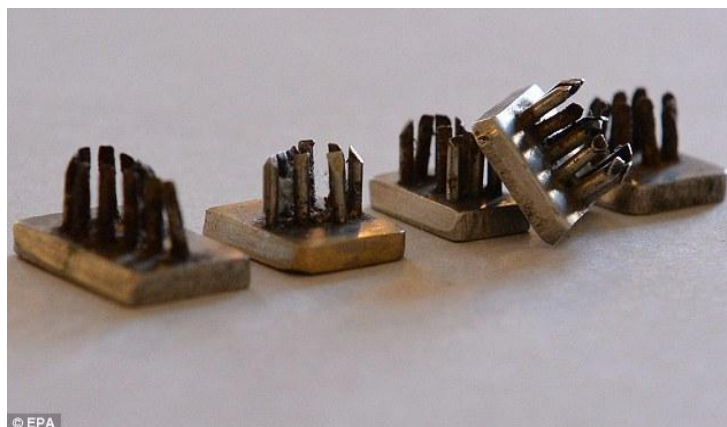
série do acampamento no peito com tinta indelével. Essa prática foi introduzida oficialmente em *Auschwitz* em 1941. Como milhares de prisioneiros soviéticos chegaram ao acampamento, e milhares morreram rapidamente lá, as autoridades das SS começaram a tatuar os prisioneiros para fins de identificação. Dada a alta taxa de mortalidade no campo e a prática de remoção de roupas, não havia como identificar os corpos após a remoção de suas roupas. Por isso, as autoridades das SS apresentaram a prática da tatuagem como maneira para identificar os cadáveres de prisioneiros registrados que haviam falecido.

Em *Auschwitz II (Birkenau)*, a equipe da SS introduziu a prática da tatuagem em março de 1942. Por conta disso, a maioria dos prisioneiros registrados no complexo de *Auschwitz* eram judeus.

Em 1943, as autoridades em todo o complexo de *Auschwitz* adotaram o prática de tatuagem para quase todos prisioneiros registrados anteriormente e recém-chegados, incluindo mulheres. (Holocaust Encyclopedia)³

Originalmente, um carimbo de metal especial (Figura 13) contendo números intercambiáveis, feito de agulhas com aproximadamente 1cm de comprimento, era usado. Isso permitiu que todo o número de série fosse perfurado de um só golpe, no lado esquerdo do tórax do prisioneiro (Figura 14). A tinta era então esfregada na ferida ainda sangrando.

Figura 13 – Os marcadores de números de identificação no peito



Fonte: Daily Mail

³ Maiores informações em: <https://www.ushmm.org/learn/holocaust-encyclopedia>

Figura 14 – Um dos sobreviventes do Campo, Manny Mittelman



Fonte: Daily Mail, 2014.

Quando o método do carimbo de metal se mostrou impraticável, foi introduzido um dispositivo de agulha única, que perfurou os contornos dos dígitos do número de série na pele. O local da tatuagem foi alterado para o lado externo do antebraço esquerdo, conforme mostra a foto abaixo.

Figura 15 – A nova forma de marcar os prisioneiros



Fonte: Holocaust Museum, 2014.

A prática da tatuagem, possivelmente neste último molde, continuou até os últimos dias de *Auschwitz*. Dessa forma, as tatuagens dos sobreviventes

passaram a simbolizar a brutalidade e dos campos de concentração e a tentativa dos nazistas de desumanizar as suas vítimas. Esses registros também são um testemunho da resistência daqueles que tem de suportá-las e observá-las. No entanto, apesar da importância das tatuagens, como testamento, símbolos e artefatos históricos, não existem documentos oficiais relativos à prática. Consta que nos últimos dias do Reich, inúmeros documentos foram destruídos. O que se sabe vem das evidências dos prisioneiros sobreviventes, dos registros fílmicos feitos pelas tropas aliadas que entraram no campo e as narrativas autobiográficas dos sobreviventes do campo. Após as proposições teóricas até aqui tecidas, na próxima seção serão apresentados os resultados do recorte empírico deste estudo.

4 TATUAGEM E INFORMAÇÃO: COSTURAS EMPÍRICO-TEÓRICAS

Foram realizadas três entrevistas com tatuadores da cidade de Porto Alegre. Todos possuem inúmeras tatuagens, indicando que enfatizam a tatuagem como adorno ou enunciação. Tais tatuadores foram escolhidos em função de possibilidade de acesso da pesquisadora em razão de seu contato profissional e pessoal.

Analisando os resultados das entrevistas, foram selecionados alguns trechos para confrontar com os aspectos teóricos destacados durante a pesquisa.

Nas entrevistas realizadas, constataram-se menções aos conceitos de "registro" ou de "história [de vida]" pessoal. Os indivíduos entrevistados demonstram apreço pela tatuagem (como arte e como forma de expressão), bem como dispuseram-se a narrar o histórico de alguns desenhos.

Nas possibilidades interpretativas do quadro teórico proposto e que utilizou historiadores, antropólogos e sociólogos, notou-se, a partir das respostas dos indivíduos entrevistados, que estes estabelecem elos ou conexões entre tatuagem e informação. Os tatuadores selecionados percebem que o registro corporal carrega sentidos latentes, podendo contar uma história e estabelecer elos comunicativos.

Nos aspectos teóricos, os autores analisados chegaram a discutir muito o conceito de "história de vida" ou de "registro na pele", quase como definição de livro aberto, reportando para os exemplos de livros feitos com pele humana e abajures orientais com peles tatuadas, doadas em vida por pessoas tatuadas.

Constatou-se que a marca corporal, os escritos, as cores e desenhos, podem ser considerados como uma maneira de representação e de significação para os indivíduos entrevistados. Segundo suas auto-visões, o sujeito tatuado se individualiza e se destaca, ganha um papel diferente aos olhos do público, pois difere-se por carregar um conteúdo "informacional". Considera-se que informação em nosso domínio carrega uma "potência" de comunicação ou ligação e nota-se que os tatuadores também consideram essa "força", pois a tatuagem possui significado.

Reunindo os dados coletados durante as entrevistas, constata-se primeiramente que a média de idade em que os entrevistados começaram a tatuar-se foi de 17 anos, o que não é muito diferente dos dados que podem ser obtidos em grupos no Facebook, por exemplo, no qual consta que a primeira experiência com tatuagem dá-se na faixa dos 15 aos 18 anos. Já em relação ao número de desenhos, os três entrevistados já perderam a conta de quantas tatuagens possuem. Há que se lembrar uma característica da “tribo” dos tatuados: nunca se fica com um desenho só e tampouco cada tatuagem é o último desenho a ser feito; enquanto houver pele, dinheiro e resistência à dor, o corpo é enfeitado, igual um templo, igual uma casa, onde o indivíduo se sente bem. É a noção de pele como roupa permanente.

Os entrevistados foram questionados acerca de qual a sua relação com a tatuagem. O entrevistado 3 alega:

É mais paixão pra vida do que... do que qualquer outra coisa. Até tenho que levar como profissão, sim... senão eu não tenho como pagar as contas... (risos). Mas eu levo mais como um estilo de vida do que qualquer outra coisa, né? É como se fizesse parte de mim já.

Identificamos, nas respostas a essa pergunta, que, para eles, a tatuagem é mais do que apenas uma forma de sustento, pois eles demonstram um vínculo afetivo forte com o ato de tatuar-se ou tatuar ao outro. Eles compreendem a tatuagem como algo que perpassa toda a sua vida, marcando a sua construção identitária e, possivelmente, dos outros. Um dos motivos para essa relação tão próxima com a tatuagem é a história de vida desses indivíduos, pois, conforme o entrevistado 2, a tatuagem inseriu-se em sua vida a partir da paixão por desenhos, pois desde pequeno desenhava e com o tempo foi aperfeiçoando esse dom, até tornar-se tatuador.

Além disso, o entrevistado 1 afirma que há muitos anos, ele não usava bermudas e camisas de manga curta devido à vergonha por ser magro, mas que isso começou a mudar quando tatuou os braços e as pernas, pois a partir do evento de tatuar-se ele começou a sentir-se bem em mostrar essas partes do corpo. Nas palavras dele: “[...] a tatuagem é uma forma de expressão. [...] então fui me expressando um pouco mais e hoje se eu precisar andar de cueca na rua vou andar...[risos].” Fica evidente que a tatuagem é

compreendida por ele como uma maneira de se apresentar para o mundo, tanto que, quanto mais tatuagens ele tem, mais desinibido fica em expor seu corpo. O ato de tatuar-se, nesse sentido, parece estar relacionado à vontade de expressar-se, pois facilita a comunicação para esse sujeito, na medida em que essa “expressão” a qual o entrevistado se refere sempre estará voltada para os outros - aqueles que o observam. Isso significa que a tatuagem pode ser considerada como uma construção de uma representação a seu respeito, pois ele afirma sentir-se à vontade para exibir seu corpo por causa da presença das tatuagens.

Quando questionados sobre as motivações que os levaram a tornar-se tatuadores, o entrevistado 1 destacou que antes de começar a tatuar e criar desenhos para os clientes, trabalhou por 7 anos com colocação de *piercings*⁴, pois o estúdio necessitava de um profissional capacitado para tal serviço, mas a vontade de aprender a utilizar as máquinas e tatuar pessoas foi crescendo ano após ano com a vivência no estúdio de tatuagem. Dessa forma, concluiu-se que o entrevistado já tinha experiência com marcas corporais, o que influenciou para seguir como tatuador também, não abandonando a colocação de *piercings*. Os entrevistados 2 e 3 tiveram suas motivações para tornarem-se tatuadores pelo amor à arte, ao desenho e também pela vontade de poder trabalhar no ofício e no meio em que não haveria preconceito, o que permitiria sua inclusão como cliente (ou auto-tatuar-se) e como profissional. Destaca-se que o entrevistado 2 passou a refletir sobre a possibilidade de trabalhar com arte/tatuagem como contraponto a um trabalho, até então, "preso em um escritório".

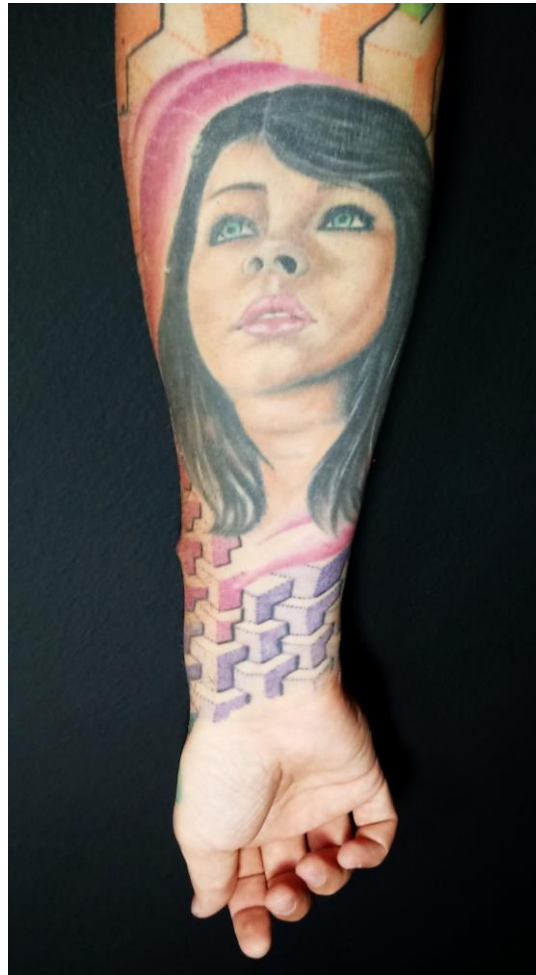
Um outro questionamento feito aos três participantes, foi sobre o que cada um tem registrado em seu corpo. O entrevistado 1 relatou sobre a imagem de sua esposa tatuada no braço direito feita pela técnica de realismo colorido⁵ (Figura 16); também leva consigo o nome da filha com a técnica de

⁴ O *piercing* é uma forma de modificação corporal que consiste na perfuração em algum local do corpo (língua, orelha, nariz, boca...) a fim de introduzir peças (também chamadas de “jóias”), feitas de metal esterilizado, como titânio e aço cirúrgico. É uma prática realizada desde as primeiras tribos e clãs das mais antigas civilizações humanas, sendo usada como uma expressão pessoal, ritual espiritual, distinção de realeza, e mais recentemente como moda.

⁵ Esse estilo geralmente retrata rostos ou animais, com resultados bastante próximos da realidade, mas também é um dos mais arriscados - porque se o tatuador não for realmente

*lettering*⁶ na barriga (Figura 17), considerando o nascimento dela a coisa mais importante que aconteceu na vida dele, pretendendo ainda tatuar o rosto da criança, assim como tem o retrato da esposa.

Figura 16 –Tatuagem em Realismo Colorido



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

bom, você corre o risco de acabar com uma fisionomia monstruosa desenhada na pele. É uma arte que tenta aproximar o desenho de uma foto.

⁶ É um estilo de tatuagem que consiste na arte de desenhar e criar letras. A combinação dessas letras serve para um objetivo, uma utilização específica e uma finalidade. É como uma ilustração, mas a ilustração são as letras.

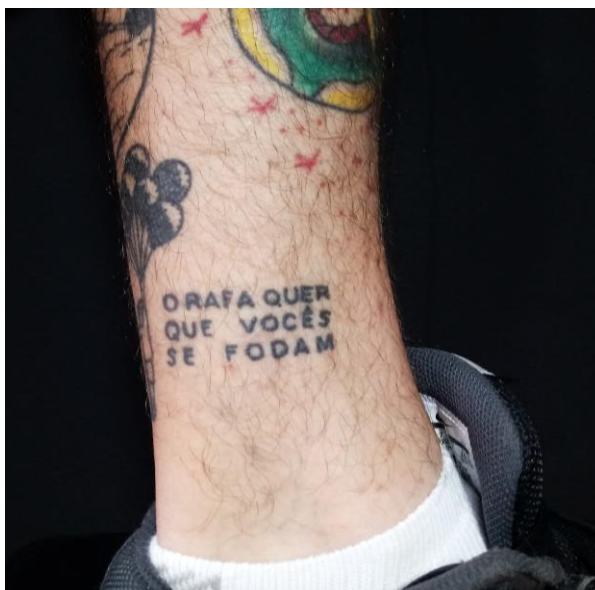
FIGURA 17 – “Minha filha foi a melhor coisa que me aconteceu”



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

Deixando um pouco a família de lado, o entrevistado 1 ainda tem algumas tatuagens curiosas, que fez questão em comentar: uma delas, dedicada para as pessoas que ficam olhando/encarando para ele no ônibus, é uma frase na canela escrita: “O Rafa quer que vocês se fodam” (Figura 18), seguida de outra frase, na outra canela: “Estranho é você sem tatuagem” (Figura 19). Dessa maneira, o entrevistado 1 demonstra não só amor pela família, quer externalizar o que ama, como também tem símbolos de protesto e de rejeição a quem tem preconceitos.

FIGURA 18 – Que se f*dam



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

FIGURA 19 – Quem é o estranho?



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

O entrevistado 2 possui a palavra “conquista” tatuada no braço (Figura 20), fazendo o seguinte relato:

[...] Desde pequeno eu nunca ganhei nada, assim.. na verdade, né. Claro, não condeno meus pais, nada assim, mas...nunca foi de mão beijada, assim.. sempre foi batalhado, né? Sempre foi conquistado. Inclusive na relação com meus pais, sabe, desde o início a gente sempre passou trabalho, meus pais moram de aluguel até hoje...tudo, entendeu? Então sempre foi difícil, eu sempre acompanhei isso, sempre foi um jogo aberto entre nós...a mãe nunca escondeu “ah, tá tudo bem”...não. Ela sempre.. “ah, támo passando trabalho, vai ter que... é... pra pagar o aluguel esse mês, vai ter que se livrar de tal coisa...”. Sempre foi uma conquista. Então hoje acredito que onde eu tô assim, foi tudo por conquista.

FIGURA 20 - “Nunca foi de mão beijada”



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

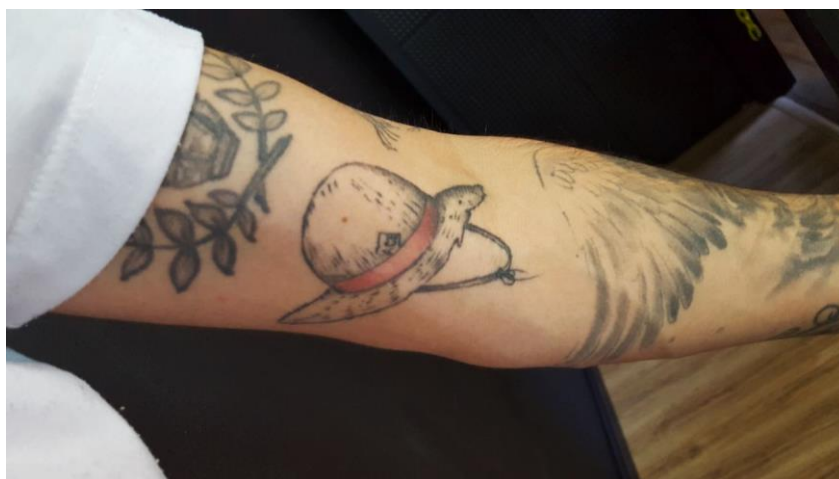
Enquanto o entrevistado 2 tem como principal memória corporal, uma palavra de significado forte, da superação de barreiras, o entrevistado 3 tem dois registros interessantes e distintos: o nome da avó (Figura 21), o qual foi de grande valia em sua vida; e o outro desenho, um chapéu de palha (Figura 22), do personagem *Luffy*, de um personagem de desenho animado japonês com nome de *One Piece*, que é a animação preferida dele. Neste caso, percebe-se que o objetivo da tatuagem é manter uma memória viva, seja ela uma pessoa ou um objeto, ou até algo abstrato (como é o caso da animação referida pelo entrevistado).

FIGURA 21 – Homenagem para a avó



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

FIGURA 22 – “Meu personagem favorito”



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

Acerca do debate da tatuagem ser informativa ou não, se conta uma história, o entrevistado 1 possui uma ideia de que a tatuagem é sim uma informação e que conta a história de vida de um indivíduo. Para tanto, revela inclusive uma caixa de madeira (Figura 23) em que guarda os *stencil*⁷ utilizados nos clientes, com o escrito “Toda tatuagem conta uma história”, relatando seu interesse de preservar a história de seus clientes e a trajetória

⁷ O papel hectográfico é utilizado para transferir o desenho para a pele, sendo indispensável o uso de creme, bastão ou spray para fixar o desenho na pele (os contornos do desenho em cor roxa). É o processo inicial para o começo da tatuagem, pois é com a aplicação do stencil que o cliente define se o local que ficará o desenho é bonito ou não.

de seu trabalho e de suas criações. O entrevistado 1 ressalta também a importância das tatuagens com fins médicos, como as tatuagens que informam sobre alergia a medicamentos, doenças crônicas e também tipagem sanguínea em casos de acidente.

FIGURA 23 – “Toda tatuagem conta uma história”



Fonte: BITTENCOURT, 2017.

Os múltiplos significados que um desenho pode ter, como já exposto durante a pesquisa, são comentados pelos 3 entrevistados, mas o entrevistado 1 é o que mais se destaca e demonstra conhecimento sobre o quanto isso pode determinar um julgamento ou também uma maneira de tratar o indivíduo em meio a pessoas não tatuadas.

Quando perguntados sobre a importância que dão para o que as pessoas pensam ou também para o que significam para os outros, os entrevistados demonstram diferentes comportamentos.

Os entrevistados relatam que não ligam para o que pensam sobre seus desenhos, mas não sentem-se confortáveis com olhares e preferem que as pessoas perguntem sobre algum desenho que lhe chamaram atenção, em vez do olhar direto e sem explicação, pois incomodam-se quando são observados sem interrupções e muitas vezes, se contendo para não falar coisas agressivas ou repreensivas por se sentirem analisados de maneira duvidosa.

Um ponto interessante durante a pesquisa diz respeito ao entrevistado 1. Ele mantém um “arquivo” das tatuagens que significaram para ele, com o uso da caixa de madeira com os carimbos (os já referidos *stencil*) das tatuagens de clientes, bem como postagens no *Instagram* (rede social de fotografias que podem possuir legendas e *hashtags*) contando a história do trabalho feito e também dos clientes que passaram. O interessante desse arquivo é ele ter uma memória, um material de pesquisa, dos desenhos e histórias que já passaram pela carreira dele. É um *souvenir* do trabalho de tatuador, pois após a aplicação do *stencil*, da realização da tatuagem e da imagem registrada com máquina fotográfica ou celular, pouco se tem de lembrança, de memória do cliente, pois fotos podem perder-se com o tempo, mas se o *stencil* não for colocado no lixo (procedimento padrão após a escolha do local do desenho e aplicação na pele), ele é feito com papel carbono, durando muito tempo e servindo assim de memorial.

Por fim, quando questionados sobre histórias de clientes, todos os três entrevistados relatam memórias afetivas em desenhos solicitados pelos clientes, reforçando que a tatuagem possui caráter de informação, mesmo que seja individual e sem a intenção de interpretação externa, bem como demonstra que o registro com tinta na epiderme torna o corpo do indivíduo um livro vivo, uma pele que conta história de vida. Como exemplos, temos uma homenagem de uma mãe que perdeu seu filho prematuramente, mas que gostaria de manter viva a memória dele em sua pele, tatuando um desenho que remetesse o tempo em que ele esteve com ela na gestação. Outro caso é sobre um rapaz que fez uma promessa para uma entidade de religião com

matriz africana, para que o pai não utilizasse mais álcool, sendo atendido e que já dura 10 anos o período de calma e agradecimento.

Em suma, a análise dos dados acima descritos e confrontados com o referencial teórico traz muitos olhares e resultados. Cada entrevistado reage de uma maneira com questionamentos sobre o mundo da tatuagem, mostrando sua personalidade e seu conhecimento sobre esse “universo”. O corpo consiste em uma construção social, sendo aprimorado e adaptado de acordo com os padrões que a sociedade exige para que o indivíduo portador desse corpo possa viver “bem” na mesma. De acordo com o meio social em que se insere, o indivíduo poderá ser obrigado a tatuar-se na sua passagem da infância para a adolescência, representando uma marca dessa transição. Em outros casos, a tatuagem é apenas um adorno corporal, quebrando regras e também diferenciando-se dos padrões “normais” de sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da pesquisa, temos muitas coisas a debater e refletir. Primeiramente, observa-se que a imagem antecedeu muito a comunicação escrita como forma de comunicação social. Representar algo faz parte de um processo de significação por meio de signos e para que um signo faça a representação de alguma coisa, é necessário que ele estimule algo já presente na consciência do indivíduo receptor. Dessa maneira, a fim de que a imagem passe uma ideia, uma informação, que possa sair do campo mental de uma pessoa e integrar o campo visual de outra, é necessário que ela seja representada. Mas, nem toda imagem que é representada de forma visual, é capaz de ser compreendida por todos. Isso ocorre com as tatuagens. O portador de uma tatuagem, muitas vezes, nem quer que a imagem tatuada comunique algo a outrem. (CAPURRO, 1992)

As tatuagens são representações gravadas na pele em forma de imagens, símbolos ou signos linguísticos. Essas representações inegavelmente transmitem uma informação. O ato de tatuar-se é construído culturalmente, assim como o significado atribuído a cada tatuagem que é uma possibilidade de recepção, apreensão e interpretação. Definitivamente podemos afirmar que a tatuagem é mais que um modo para passar uma mensagem. A tatuagem pode ser uma significação pessoal mais ligada à ideia de memória individual e, ao mesmo tempo, pode funcionar como uma disponibilidade, uma oferta de significação. Neste segundo caso atua de modo informacional.

Os indivíduos tatuados atribuem aos seus desenhos na pele um significado, e mais: cada imagem registrada na pele possui um significado nas relações reais, mas também pode ser capaz de possuir muitos outros significados virtuais, incontroláveis pelo indivíduo tatuado. Uma tatuagem de uma flor representa inicialmente o vegetal flor, mas para o indivíduo que possui tal desenho, pode significar o seu amor pela natureza, pela flor como ornamento e por aí vai. Qualquer outra pessoa que veja tal flor, pode atribuir um significado distinto: doçura, celebração da natureza e muitos outros.

Como pista para futuros trabalhos, há a possibilidade de aprofundamento da proposta, talvez pelo caminho da análise da importância

dos atos de fala e de expressão da linguagem. Na Ciência da Informação, há a possibilidade de estudar a tatuagem como fenômeno informacional que carrega uma “indecidibilidade estrutural”, segundo teóricos da área, como Jacques Rancière e Ernesto Laclau.

Reconhecemos as lacunas que não foram respondidas, o que poderia ser tributado as dificuldades teóricas inovadoras de co-relacionar conceitos de mundos tão diversos, percebido durante a fala dos tatuadores.

Considerando os resultados e as análises bibliográficas, reconhecemos as lacunas e as possibilidades do trabalho como horizonte de pesquisa. Por exemplo, poderíamos ter ampliado o número de entrevistados, o que, certamente, abriria muitas outras falas e possibilidades de conexão com o fenômeno informacional.

Analisando o trabalho de quase um ano que envolveu projeto, muitas leituras e aquisição de bibliografia, imagina-se que se tenha material para um futuro trabalho em nível mais profundo e com maior duração. Para isso, aproveita-se a formação de licenciada em História e os conhecimentos de Biblioteconomia e a porta aberta para explorar o problema de investigação, se possível, sempre conectando saberes interdisciplinares necessários à compreensão dos meandros do mundo da tatuagem.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. 1. reimp. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BERGER, Mirela. **Corpo e Identidade Feminina**, Tese de doutorado, PPGAS, FFLCH,USP, 2006.
- BERGER, Mirela. Tatuagem: a memória na pele. **Ponta da Fruta**, Espírito Santo, maio de 2007. Disponível em: http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/tatuagem_a_memoria_na_pele.pdf. Acesso em: 29 out. 2017. Também publicado em: Sinais (UFES), v. 4, p. 65-89, 2009.
- BITTENCOURT, Samantha Thiesen. Fotografia: Tatuagem em Realismo Colorido. Porto Alegre, 2017.
- _____. Fotografia: “Minha filha foi a melhor coisa que me aconteceu”. Porto Alegre, 2017.
- _____. Fotografia: Que se f*dam. Porto Alegre, 2017.
- _____. Fotografia: Quem é o estranho?. Porto Alegre, 2017.
- _____. Fotografia: “Nunca foi de mão beijada”. Porto Alegre, 2017.
- _____. Fotografia: Homenagem para a avó. Porto Alegre, 2017.
- _____. Fotografia: “Meu personagem favorito”. Porto Alegre, 2017.
- _____. Fotografia: “Toda tatuagem conta uma história”. Porto Alegre, 2017.
- CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e educação**. In: Fórum educacional. Rio de Janeiro Vol. 14, n. 3 (jun./ago. 1990), p. 41-61.
- CAPURRO, Rafael. *Epistemology of Information Science*. In: <http://v.hbistugart.de/~capurro/publi.htm>. London, 1992.
- CARUCHET, William. **Le tatouage ou le corps sans honte**. Paris: Éditions Séguier, 1995.
- COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais**: atualizações do sagrado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CRYSTALINKS. Otzi The Iceman. 2009. Disponível em: <<http://www.crystalinks.com/otzi.html>>. Acesso em: 03 dez 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2008.

DAILY MAIL. The evil-looking gadgets Auschwitz guards made as instruments of genocide to stamp tattooed numbers onto doomed prisoners. 2014. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2578422/The-evil-looking-implements-used-Auschwitz-guards-tattoo-numbers-prisoners-held-Nazi-death-camp.html>>. Acesso em: 03 dez 2017.

DOEDERLEIN, João. **O livro dos ressignificados**. Paralela: São Paulo, 2017.

EPSTEIN, Isaac. **Teoria da Informação**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tofel. (org.) **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

GILBERT, Steve. **Tattoo history**: a source book. Nova York: Juno Books, 2000.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis : Vozes, 2007.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide (org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Rio de Janeiro : IBICT, 2000.

_____. **Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação**. Perspectivas em Ciência da Informação, [S.l.], v. 6, n. 1, nov. 2007. ISSN 19815344. Disponível em:

<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/433/243>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Breve arqueologia da história oral. **História Oral**, v. 1, p. 61-65, 1998.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. A entrevista. In: _____. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 81-86.

_____. A História Oral. In: _____. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 92-100.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo : Centauro, 2006.

HAMBLY, Wilfrid Dyson. **History of tattooing and its significance**. London: H.F. & G. Witherby, 1925.

HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA. Washington DC, EUA, 2007. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/concentration-camps-1933-1939>. Acesso em: 03 dez 2017.

_____. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/a-boy-displays-the-tattooed-number-on-his-arm>. Acesso em: 03 dez 2017.

Iromegane, 2013. History of Japanese Tattoo. Disponível em: < <http://www.iromegane.com/japan/culture/history-of-japanese-tattoo/>>. Acesso em: 03 dez 2017.

KRAKOW, Any. **The total tattoo book**. Nova Iorque: Time Warner. 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Galáxia de Gutemberg**. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

MIFFLIN, Margot. **Bodies of Subversion**: A Secret History of Women and Tattoo. New York: Juno Books, 1997

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. Petrópolis : Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação.** 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

PABST, Maria Anna et al. The tattoos of the Tyrolean Iceman: a light microscopical, ultrastructural and element analytical study. **Journal of Archaeological Science** (online). V. 36, n. 10, p. 2335-2341, out. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.jas.2009.06.016>>. Acesso em: 25 mai 2016.

PARRY, Albert. **Tattoo : secrets of a strange art as practised among the natives of the United States.** New York : Simon and Schuster, 1933.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. **Projeto de pesquisa: O que é? Como fazer? Um guia para sua elaboração.** São Paulo: Olho d'Água, 2005. 96 p. (Método; 3).

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo humano?.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Teorias da tatuagem - corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tatoo da Pedra.** Florianópolis: UDESC, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010. 334 p.

RODRIGUES, Apoenan. **Tatuagens: Dor. Prazer. Moda. E muita vaidade.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

SAMADELLI, Marco. **Institute for mummies and iceman,** Bozen-Bolzano, Itália, 2015. Disponível em: <<http://www.eurac.edu/en/research/health/iceman/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 03 dez 2017.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** 6. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José Miguel. Historias de vida e historia oral. In: _____ (Org.). **La historia oral: métodos y experiencias.** Madrid: Debate, 1993. p. 257-285.

SCHIFFMACHER, Henk. **1000 Tattoos.** Colônia: Taschen. 1996.

Sin on Skin Tattoo Studio. History of the Tattoo Machine. Halifax, NS, Canadá, 2010. Disponível em: <<http://www.sinonskin.ca/histoy-of-the-tattoo-machine.html>>. Acesso em 03 dez 2017.

Studio One. Tattoo Guns. Canadá, 2008. Disponível em: <http://www.studioonetattoosupplies.com/Tattoo_Guns.html>. Acesso em: 03 dez 2017.

TAMMARO, Anna Mari; SALARELLI, Alberto. **A Biblioteca Digital**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

Tattoo.com. Captain James Cook and his Contribution to Tattooing. 2016. Disponível em: <<http://www.tattoo.com/blog/captain-james-cook-and-his-contribution-tattooing?nopaging=1>>. Acesso em 03 dez 2017.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, n. 5, p. 9-28, 2002.

Tinta na Pele. As damas tatuadas do Século 19. 2014. Disponível em: <<http://www.tintanapele.com/2013/04/as-damas-tatuadas-do-seculo-19.html>>. Acesso em: 03 dez 2017.

Wikipedia. Tã Moko. 2015. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Tã_moko>. Acesso em: 03 dez 2017.

APENDICES

APENDICE A - Entrevista semi-estruturada sobre Tatuagem e Informação

Documento integrante do Trabalho de Conclusão de Curso de Samantha Thiesen Bittencourt, aluna do curso de Biblioteconomia da UFRGS.

Nome:
Idade (ou faixa etária):

Perguntas:

1. Com que idade você começou a se tatuar?
2. Tem ideia de quantas tatuagens você carrega hoje?
3. Qual você diria que é sua relação com a tatuagem?
4. Quais motivos te levaram a ser tatuador?
5. Tu considera que a tatuagem é uma informação? Que a pele pode ser considerada um livro aberto?
6. Você pode contar pra gente o que você tem tatuado no corpo? Alguma história sobre um desenho em específico?
7. Cada tatuagem tem uma história. Você gostaria que as pessoas identificassem o que você quer contar com os desenhos?
8. Quando você se tatua, evidentemente você está registrando algo para si mesmo.
 - 8a. Mas você considera que também está representando algo para os outros, para quem te vê?
 - 8b. Ou sua intenção é que cada um imagine e assim crie suas próprias viagens?
 - 8c. Te chateia os múltiplos significados das “leituras” das tuas tatuagens?
 - 8d. Você gosta que as pessoas perguntem os significados de cada tatuagem?
9. Seus clientes costumam comentar a história de cada tatuagem? Poderia destacar algumas histórias de tatuagens contada por clientes?

APENDICE B – Termo de Consentimento – Rafael da Costa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Rafael da Costa
....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante) Sarrahne Thiesen Bittencourt
....., estudante de
(nome do curso) Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
.....
..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.) Márcia Heloisa Tavares de Figueiredo Lima

Porto Alegre, 7 de novembro de 20 17.

Assinatura do entrevistado

APENDICE C - Termo de Consentimento – Rafael Breuer



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a))..... Rafael Breuer
....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante)..... Samantha Thieren Bittencourt....., estudante de
(nome do curso)..... Biblioteconomia....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
.....
..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.)..... Márcia Heloisa Tavares de Figueiredo Lima

Porto Alegre, 9 de novembro de 20 17.

Assinatura do entrevistado

APENDICE D - Termo de Consentimento – Matheus Ferreira



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a))..... Matheus Lopes de Costa Ferreira.....
....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante)..... Samantha Thiesen Bittencourt....., estudante de
(nome do curso)..... Biblioteconomia....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
.....
..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.)..... Márcia Heloisa Tavarus de Figueiredo Lima

Porto Alegre, 14 de novembro de 20 17 .

Assinatura do entrevistado

APENDICE E – Transcrição de Entrevista – Rafael da Costa

Nome: Rafael (conhecido como Rafa Piercer)
Idade (ou faixa etária): 31 anos

Samantha: O que tu dirias em relação à tatuagem? O que pra ti é? No teu entender...

Rafael: No meu entendimento a tatuagem é uma forma de expressão. A muito tempo atrás eu não usava manga curta, não usava bermuda. E aí depois que eu fiz a minha primeira tatuagem já comecei a usar manga curta, pois tinha vergonha de ser magro...então a partir disso fui me tatuando, me tatuando... fui me sentindo bem... então fui me expressando um pouco mais e hoje se eu precisar andar de cueca na rua vou andar...[risos]

Rafael: Então..eu acho que a tatuagem é muito forma de expressão, da pessoa se expressar, botar pra fora.

Samantha: Tá, e...quais foram os motivos que te levaram a ser tatuador? Te tornar, não ser uma pessoa apenas tatuada.

Rafael: Bom, trabalho com piercings vai fechar 7 anos já. Então início de todo esse tempo quando entrei no estúdio a intenção era tatuar, só que daí no momento, na ocasião (que ele entrou para trabalhar), tinha necessidade de alguém para colocar piercing no estúdio. Então depois comecei a focar nisso e caí de cabeça no piercing e fiquei no piercing durante todo esse tempo. E de um ano pra cá o Neto (dono do estúdio – Neto Tattoo) resolveu assim: “Rafa, tu quer aprender a tatuar?” e eu: “bah tenho interesse”. Daí fiquei um ano estudando e depois desse um ano estudando eu comecei a tatuar clientes. Mas eu sempre tive esse desejo de aprender a tatuar.

Samantha: E fora de ser mais uma pessoa que só desenha...

Rafael: Esse desejo... tudo tem seu tempo, sua hora... eu não tive pressa em querer aprender a tatuar. Fui deixando acontecer assim natural...

Samantha: E o que que tu considera...se tu considera que a tatuagem é uma informação... a pele pode ser um livro aberto?

Rafael: Pode. Pode sim.

Samantha: Mas tu considera que a tatuagem é uma informação...ela informa alguém?

Rafael: Informa, com certeza. Tem tatuagens hoje que tu pode colocar alguma coisa que tu é alérgica, tu pode identificar isso na pele...alérgico a tal medicamento...tipo sanguíneo também...se a pessoa sofre, tem algum problema de doença, com convulsão...pode expressar isso. Homenagens de pai, mãe, esposa, filho...

Samantha: Sim. Tu poderia contar assim, o que tu tens tatuado no corpo, assim, alguma história de algum desenho específico, que tu leva contigo... algo que significa bem, que é emblemático.

Rafael: Tenho minha esposa tatuada no braço direito, uma foto dela em realismo., se chama realismo colorido. Tenho o nome da minha filha na barriga, que foi a coisa mais importante que me aconteceu na vida foi a vinda da minha filha... que pretendo fazer também o rosto dela. As outras são tudo aleatórias, tem algumas que coloquei tipo, para pessoas que ficam me olhando no ônibus, como essa daqui (ele mostra a frase na canela, escrita: "Rafa quer que você se foda) ou essa aqui (ele mostra): "Estranho é você sem tatuagem" (na outra canela).

Samantha: Também, preconceito né...

Rafael: A gente sofre muito disso...

Samantha: Bom, cada tatuagem então como a gente tá conversando, tem uma história né... tu gostaria que as pessoas identificassem o que tu quer contar com teus desenhos?

Rafael: Algumas coisas sim, o lance da questão minha esposa, no braço, a questão da minha filha tatuada...tipo, "bah que legal o cara fez uma homenagem para a pessoa...acho bem legal assim".

Samantha: E tu te chateia assim, com os múltiplos significados de leitura das tuas tatuagens, se a pessoa lê errado ela...de um jeito maldoso, algum jeito distorcido...

Rafael: Algumas pessoas julgam a gente muito por isso, pelas imagens... às vezes os desenhos não tem nada haver ... mas vão lá e "ah, o cara fez um palhaço, ah o cara fez um dragão... sempre julgam isso.. pela história que tem..."

Samantha: É, mas tu acha assim que a intenção essa dos desenhos que tu carrega, é que cada um imagine, crie as próprias viagens ou tu prefere que a pessoa tenha um julgamento certo, assim, das tuas coisas?

Rafael: Cada um tem sua opinião, cada um tem sua visão diferente... todo mundo pensa diferente. Então eu respeito isso. Hoje não dá mais para esquentar a cabeça com isso....a gente tem que só aceitar.

Samantha: E tu gosta que as pessoas perguntem os significados das tuas tatuagens?

Rafael: Gosto, gosto... gosto das pessoas conhecerem... tem gente que não conhece, fica olhando... de repente tu tá pensando "oh, tá me julgando"... mas não, a pessoa de repente tá curiosa, em querer saber porque daquela tatuagem... então acho interessante quando as pessoas perguntam pra ti...tem gente que não gosta, né?

Samantha: É, tem gente que diz que só o tatuador tinha tempo e tu tinha dinheiro, né? (risos)

Bom, penúltima pergunta: quando você tatua, evidentemente está registrando algo para si mesmo. Tu considera que ela também tá representando algo pra outras pessoas? Ou é só para a pessoa mesmo?

Rafael: Não, está sim... tem gente que aqui na loja se emociona, quando vê que a pessoa tá tatuando o rosto dela no corpo... ou o próprio nome.. Acontece muito de vir casais na loja assim, então faz surpresa... "ah, vou fazer uma tatuagem" "ah, que legal" Aí assim, tá tatuando o nome... "como assim tatuando meu nome?!" Rola muito disso aqui na loja. Homenagens...

Samantha: E falando nisso, a última pergunta seria: tu tem algumas histórias de tatuagem de clientes que tu possa destacar, que te marcou, que tu lembra... assim... que alguma coisa foi bem interessante pra ti...

Rafael: Tem sim, a pouco tempo atrás... eu não fiz ainda, vou fazer o desenho para a cliente que ela me pediu...ela perdeu o bebê acho que vai fazer um mês... então ela queria fazer alguma coisa que ela pudesse fazer uma homenagem para a criança dela. Como faço muita tatuagem de homenagens, ela se sentiu a vontade, segura de querer fazer uma tatuagem comigo, por causa disso... essa questão de valorizar isso, valorizo muito a questão de fazer homenagem para pessoas, né. Tatuagens com significado, como sempre falo, tatuagem conta uma história, então durante a sessão vou conversando com o cliente e ele vai te explicando porque da tatuagem. Tem um colega nosso, o Maique, que ele fez uma tatuagem.. a mãe do cliente era da escola de samba da Restinga, e o símbolo deles é um cisne. E ela gostava muito de girassol.. então ele pediu pra gente fazer alguma coisa que ele pudesse homenagear a mãe dele que faleceu... então... é legal isso, a pessoa registrar isso na pele. E a gente tem a oportunidade de realizar sonhos.

Samantha: Bom, era isso, obrigada então pela entrevista!

APENDICE F - Transcrição de Entrevista – Rafael Breuer

Nome: Rafael Breuer
Idade (ou faixa etária): 38 anos

Samantha: Bom, com que idade tu começou a te tatuar?

Rafael B: A me tatuar, com 16.

Samantha: E tu tem ideia de quantas tatuagens tu já tem até hoje? Por volta de?

Rafael B: Bah, perdi as contas... sei lá, mais de 20, mais de 30... vai emendando uma na outra né? (risos) Mas tipo... desde os 16, nunca parei, nunca fiquei muito tempo sem tatuagem..

Samantha: É, já temos 22 anos....né? (risos)

Samantha: O que que tu diria sobre a tua relação com a tatuagem? O que tu pode dizer sobre isso?

Rafael B: Primeiramente começou pela paixão pelo desenho, assim né...que desde pequeno eu já desenhava, gostava de desenhar, no caso, né. Claro que depois a gente foi se aperfeiçoando... mas a minha relação com ela foi mais pela paixão pela arte, assim, pelo desenho...

Samantha: E quais motivos te levaram a ser tatuador? Porque tu primeiro gostou da tatuagem, mas... tu podia só ser uma pessoa tatuada, que que te levou a praticar?

Rafael B: Posso repetir a resposta? Paixão pela arte?

Samantha: Pode! (risos) Seria isso então?

Rafael B: Eu trabalhava a muito tempo num escritório, né... trabalhava a 10 anos no escritório, e tava meio perdido, assim.. na vida. E comecei a me tatuar, tatuagem grande, no braço... e comecei a meio que me interessar pela profissão, né? Porque já gostava da tatuagem em mim, né... mas comecei a me interessar pela profissão daí porque estava a 10 anos num escritório , perdido sem saber o que fazer... não era aquilo que eu queria fazer para o resto da vida, né.. e daí foi assim.

Samantha: Tu considera que a tatuagem é uma informação? Que a pele pode ser considerada um livro aberto?

Rafael B: Casos e casos. Tem gente que faz só por moda, né? Tem gente que faz com significado...uma homenagem, pra pai, pra mãe, pro vó, pra

namorado, né...tem gente que faz por um significado de uma fase da vida...tipo, “ah, me formei, sei lá...mudei de ramo, de alguma coisa...” sei lá, tem vários pontos nisso.

Samantha: Mas tu considera que ela...

Rafael B: Sim

Samantha: Boa parte do tempo é uma informação da pessoa, né?

Rafael B: Tirando aquela pessoa que faz por modismo, eu acredito que na maioria das vezes é sim.

Samantha: Tu pode contar pra gente o que tu tem tatuado no corpo? A história de algum desenho específico teu? Alguma coisa que significa mais pra ti.

Rafael B: Eu ia mostrar, mas não está sendo filmado né? (risos)

Samantha: Não, mas é só tu descrever...

Rafael B: Eu tenho uma escrita, que é “Conquista”.

Samantha: No braço esquerdo..

Rafael B: É..

Samantha: No antebraço

Rafael B: Que pra mim é a tatuagem que mais significa pra mim é essa aqui. Por que? Desde pequeno eu nunca ganhei nada, assim.. na verdade, né. Claro, não condeno meus pais, nada assim, mas...nunca foi de mão beijada, assim.. sempre foi batalhado, né? Sempre foi conquistado. Inclusive na relação com meus pais, sabe, desde o início a gente sempre passou trabalho, meus pais moram de aluguel até hoje...tudo, entendeu? Então sempre foi difícil, eu sempre acompanhei isso, sempre foi um jogo aberto entre nós...a mãe nunca escondeu “ah, tá tudo bem”...não. Ela sempre.. “ah, tamo passando trabalho, vai ter que... é... pra pagar o aluguel esse mês, vai ter que se livrar de tal coisa...”. Sempre foi uma conquista. Então hoje acredito que onde eu tô assim, foi tudo por conquista.

Samantha: Pra ti, essa palavra...bem emblemática.

Rafael B: Sim, nunca ganhei nada assim.. “ah, o Rafa ganhou um estúdio..” “o Rafa ganhou...”, sabe? Não, sempre foi conquistado.

Samantha: Então, cada tatuagem , como a gente tava conversando, tem uma história, né...tu gostaria que as pessoas identificassem o que que tu quer contar com os desenhos?

Rafael B: Tá dizendo em mim?

Samantha: É. Tipo... tu gostaria, como tu tá falando, da história... tu gostaria disso?

Rafael B: Não... acho que é algo pessoal. Claro que se alguém perguntar, não me importo nem um pouco de explicar, sabe? Mas... eu não faço pra explicar pra pessoa que eu tenho, fiz... entendeu? Eu fiz pra mim. Um dia olhar assim e dizer “bah, que legal, tenho isso aqui por causa disso...”

Samantha: É uma informação pra ti mesmo...

Rafael B: Uma informação pra mim, é.

Samantha: E tu considera que também tá representando algo pros outros, dependendo do desenho que tu tem? Tu já citou isso, mas... por exemplo, tu tem uma caveira... tu tem uma rosa no outro braço...sei lá, tu considera que tu tá representando aquilo ali o teu gosto por caveira, o teu gosto por...

Rafael B: Na verdade, assim, vou ser bem sincero: eu faço, né.. tudo o que eu faço, eu faço pra mim, pra minha família. Eu não me preocupo com o que os outros pensam, né? Ah, a pessoa vai me olhar tem uma caveira... não vão gostar de mim porque tenho uma caveira...

Samantha: Pois é! Essa é a outra pergunta: se tu te chateia com os múltiplos significados...

Rafael B: Não...

Samantha: ...da leitura das tuas tatuagens...

Rafael B: Não..

Samantha: Não?

Rafael B: Não, porque... se me olhar feio ou se me olhar bonito, pra mim não interessa....

Samantha: Tanto faz... E... tu às vezes pensa assim, das pessoas cada uma imaginar e criar seus conceitos, dos teus desenhos?

Rafael B: Da minhas tatuagens?

Samantha: Aham...do tipo assim, se tu teria uma intenção, por exemplo, põe um símbolo, pra ti significa uma coisa, mas se os outros quiserem entender diferente...

Rafael B: É... vou repetir: não me importo com o que os outros pensam.

Samantha: E tu...agora tu tinha falado anteriormente, é a penúltima pergunta... Tu gosta que as pessoas perguntem os significados dos teus desenhos?

Rafael B: Não me importo.

Samantha: Não te importa... pra ti, não te afeta..

Rafael B: Eu faço pra mim, mas se me perguntarem, ...

Samantha: Não tem problema...

Rafael B: É...porque tem as tatuagens que não tem explicação, sabe. Achei bonito o desenho, gostei de fazer.

Samantha: Aham.. e outras aí... tu tem o sobrenome tatuado nas costas..

Rafael B: Sim...

Samantha: Então pode até aí explicar...

Rafael B: Sim, sim... não me importo de explicar..

Samantha: Aham... e, por último, assim: o que que teus clientes costumam comentar das histórias das tatuagens... tu tem alguma história que tu pode destacar assim, que já te marcou, de algum cliente teu assim, que tu às vezes lembra, ou sei lá... que ele te contou, te marcou de certa forma, assim...

Rafael B: Posso responder depois?

Samantha: (risos)

Rafael B: Posso pensar, agora de momento eu não me lembro, mas tem muita história legal.

Samantha: Mas, por alto assim... tu não tem uma história bem concisa, que tipo de tatuagem assim, tu ouve histórias sobre? De homenagens...

Rafael B: Sim.. “ah, tô fazendo isso porque...sei lá, minha mãe morreu, meu vô...” isso aí, sabe...

Samantha: É, sempre assim...aquelas tatuagens de tipo sanguíneo, coisa assim... tu já fez algum tipo?

Rafael B: Não, não...

Samantha: Ainda não...

Rafael B: Não fiz não..

Samantha: É... então tá, é isso.

Rafael B: É?

Samantha: É, muito obrigada! (risos)

APÉNDICE G - Transcrição de Entrevista – Matheus Ferreira

Nome: Matheus Ferreira
Idade (ou faixa etária): 26 anos

Samantha: Com que idade tu começou a se tatuar?

Matheus: Com 17, mas com 15 eu tive interesse.

Samantha: E tu tem ideia de quantas tatuagens tu carrega até o momento?

Matheus: Na média de umas 30. Contando separado, né...se contar tudo junto...

Samantha: O que que tu diria em relação à tatuagem? Assim, no geral...

Matheus: Ah...

Samantha: Como tu disse, com 15 tu te interessou.. então qual é a tua relação assim total, com a tatuagem...

Matheus: Minha relação com tatuagem é muito mais que profissional, né? É mais paixão pra vida do que... do que qualquer outra coisa. Até tenho que levar como profissão sim... senão eu não tenho como pagar as contas.. (risos) Mas, eu levo mais como um estilo de vida do que qualquer outra coisa, né. É como se fizesse parte de mim já.

Samantha: Já é a tua pessoa....

Matheus: Exatamente

Samantha: E aproveitando esse gancho, quais foram os motivos que te levaram a ser tatuador?

Matheus: Primeiro de tudo, é porque eu queria me tatuar. E quando, não faz muito tempo, mas... quando eu tive a ideia de querer me tatuar, na época outros trabalhos não podiam ter tatuagens, né? Visíveis...e eu também gostava muito de desenhar e queria aproveitar uma coisa e acabou levando à outra.

Samantha: Bom, tu considera que a tatuagem é uma informação, que a pele pode ser considerada um livro aberto?

Matheus: Acho que depende muito do ponto de vista...né?

Samantha: O teu ponto de vista, digamos...pra ti, a pele é um livro aberto?

Matheus: É aí que tá. Depende muito do ponto de vista. Às vezes eu quero passar alguma coisa fazendo uma tattoo e às vezes não...às vezes eu quero fazer um desenho só por fazer...que eu gostei do desenho não porque eu quero passar alguma informação.

Samantha: E tu pode contar alguma coisa sobre alguma coisa que tu tem tatuada no corpo, alguma história de algum desenho específico que pra ti tem uma história, um significado principal...

Matheus: Ah tem, tem...

Samantha: Sempre tem um desenho, mais... dois, três que são aqueles bem emblemáticos...

Matheus: Tem duas tattoos que eu gosto muito assim... que tem uma simbologia... uma é da minha vó, que é o nome dela.

Samantha: Sim, no teu braço esquerdo... antebraço.

Matheus: Isso, antebraço.

Samantha: Que como a gente não tá gravando, vou descrever...

Matheus: Claro. E...também tem o chapéu de palha do Luffy(personagem de desenho animado oriental), do One Piece, que do meu desenho favorito. Então essas duas tattoos são as tattoos que eu acho mais...são as mais fortes.

Samantha: Da tua vó assim...seria da história do que ela significou pra ti, né?

Matheus: Exatamente...

Samantha: Cada tatuagem tem uma história, né... ou pelo menos grande sempre né... Tua gostaria que as pessoas identificassem o que tu quer contar com os desenhos? Pode ser sincero! Tu gostaria?

Matheus: Refaz a pergunta...

Samantha: A tatuagem ela tem história, né...

Matheus: Sim

Samantha: ...ou boa parte delas carrega uma história com ela... tu gostaria que as pessoas, pessoas que te vê... identificassem o que tu quer contar com esses teus desenhos, teu escrito..tudo?

Matheus: Não.

Samantha: Não? (risos)

Matheus: Não!

Samantha: (risos) Tá... Te chateia os múltiplos significados das leituras das tuas tatuagens? Por exemplo, se alguém chega..faz uma leitura da tua tatuagem, dos teus escritos...

Matheus: Não...

Samantha: ...o diz "bah, isso aqui é não sei o que, pq não sei o que..."

Matheus: Na verdade, não, pq eu não me importo muito com a opinião alheia, né? Então, tipo...

Samantha: "I don't care (Eu não me importo)"... (risos)

Matheus: I don't care mesmo... (risos)

Samantha: E a tua intenção é que muitas vezes cada um imagine, crie uma própria viagem, da pessoa com tuas tatuagens...

Matheus: Na verdade...

Samantha: ...tu não te importa, né...

Matheus: Aham

Samantha: ...a pessoa tem uma livre vontade, de olhar assim e viajar...

Matheus: Sim, com certeza... na verdade, eu não dou muita bola pra isso, né? Mas eu acho que cada um pode fazer a leitura que quiser, né? E daí vai do que a pessoa tira pra ela, né? É tudo um ponto de vista que cada um tem, né? Então..

Samantha: Sim... e, nesse meio, que a gente tá falando né, das pessoas vendo tuas tatuagens.. tu gosta que às vezes alguém te pare na rua ou te encontre em algum lugar e pergunte o significado de algum dos desenhos?

Matheus: Eu prefiro na verdade que a pessoa pare e pergunte, do que ela fique me olhando com cara feia. Que aí dá vontade de mandar tomar no Cu, tá ligado?

Samantha: (risos) a gente corta essa parte... manda tomar no c*... sim. E, quando a pessoa se tatua ela tá registrando alguma coisa na pele, né?

Matheus: Com certeza...

Samantha: ...registro. Mas tu considera que ela também tá representando algo para alguma pessoa ou ..

Matheus: Sim.

Samantha: ...é relativo?

Matheus: Sim, sim... com certeza. Às vezes, muitas vezes a gente quer fazer uma homenagem pra alguém, não pra mostrar pros outros, mas... pra homenagear aquela pessoa.

Samantha: Sim

Matheus: E às vezes é só tua... significado pra ti e pro próximo, né? E pra mais ninguém... né.

Samantha: Aham, e... por fim: os clientes costumam às vezes comentar sobre a história... porque tá fazendo a tatuagem...

Matheus: Grande maioria...

Samantha: ...e tu tem alguma história que já te marcou assim... alguma coisa para destacar?

Matheus: Baaah, tem tanta história...

Samantha: Alguma mais que tu ficou assim...sempre que tu pega um desenho, tu lembra daquela história...ou te remete àquela história...

Matheus: Olha... é que são tantas, né...mas assim...

Samantha: Pode ser qualquer uma!

Matheus: Agora lembrando assim, de cabeça... nenhuma. Eu precisaria de mais um tempinho para pensar...lembrar...

Samantha: Tu e o Rafa! (risos) [Matheus é do mesmo estúdio que Rafael Breuer]

Matheus: Deixa eu dar uma pensadinha...que tem muita história boa, né... assim como tem muita história pesada, mas... esses tempo até mesmo eu acho que fiz uma.. eu tenho que dar uma olhada nas fotos pra dar uma lembradinha...

audio foi pausado para ele procurar a imagem

Matheus: É recente assim... não é uma história assim..

Samantha: Tem algumas histórias que são tristes né? E algumas que são legais né?

Matheus: Posso falar? (ele acha a foto)

Samantha: Conte!

Matheus: Teve um rapaz que fez uma tattoo semana passada, que era um chapéu com uma bengala.. é uma tattoo de religião, mas o que eu gostei muito foi que não pelo fato da religião em si, né.. mas pelo.. pela fé que ele botou naquilo e fez... ele foi... tipo, uma promessa que ele fez, praquela religião, uma coisa assim...que ele conseguiu tirar o pai dele do alcoolismo, né.

Samantha: Bah, que legal...

Matheus: E faz 10 anos que o pai dele não bota uma gota de álcool na boca... pode ser que tenha haver, pode ser que não...mas aquilo...

Samantha: Significa pra ele.

Matheus: ...aquilo significa pra ele de fato... é uma coisa boa. Eu acredito muito na fé, né?

Samantha: Sim

Matheus: Independente de religião..

Samantha: Tu acredita na força do pensamento, né...

Matheus: Exatamente... e independente do significado que tem a religião dele ou não, vice-versa, a tattoo... aquela tattoo que ele fez pra ele tem uma simbologia muito grande, né. E aquilo me deixou feliz.

Samantha: Sim, pq tu pode registrar aquela alegria...

Matheus: Exatamente. Quando fiz eu gostei, óh aqui... (mostra a tela do celular com a foto da tatuagem pronta, no braço do cliente).

Samantha: Tu fez parte disso!

Matheus: Sim, eu fiz! Exatamente!

Samantha: (olho o desenho) Ah, é o chapéu e a bengala do "Seu Zé"!

Matheus: Isso!

Samantha: Seu Zé Pilintra

Matheus: Exatamente...isso aí mesmo.

Samantha: Ele tem bastante força. Ele é conhecido como socorrista...

Matheus: Exatamente... e deu uma grande força pra ele, né? E eu fiz a tattoo então... eu gostei bastante. Eu gosto desse lance de religião e tal...e eu gosto de saber um pouco de cada coisa né... de todas ...

Samantha: E também de te envolver com a história dos clientes...é legal assim, de tu saber porque tu tá trabalhando...pra ti, grande parte do teu trabalho também não é só um trabalho, assim... trabalho e ganhou o dinheiro. Tem significado...

Matheus: Exatamente...com certeza.

Samantha: Então tá, era isso!

Matheus: Era isso?

Samantha: Aham, obrigada!

Matheus: Que isso, eu que te agradeço!